



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CLÁUDIO LUCIANO CARVALHO DOS SANTOS

**UM MESTRE DE BANDAS ENTRE ESCOLAS E QUARTÉIS DO PIAUÍ: TRAJETÓRIA
DO PROFESSOR LUIZ SANTOS (1944 – 1994)**

**TERESINA
2026**

CLÁUDIO LUCIANO CARVALHO DOS SANTOS

**UM MESTRE DE BANDAS ENTRE ESCOLAS E QUARTÉIS DO PIAUÍ:
TRAJETÓRIA DO PROFESSOR LUIZ SANTOS (1944 – 1994)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação Serviço de
Representação da Informação

S237m Santos, Cláudio Luciano Carvalho dos
Um Mestre de bandas entre escolas e quartéis do Piauí : trajetória
do professor Luiz Santos (1944 – 1994) / Cláudio Luciano Carvalho
dos Santos. – 2026.
78 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Teresina, 2026.

“Orientador: Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti.”

1. Maestros - Piauí - Biografia. 2. Piauí - Educação Musical.
3. Bandas de Música. 4. Luiz Santos, 1944-1994. I. Monti, Ednardo
Monteiro Gonzaga do. II. Título.

CDD 780.92

CLÁUDIO LUCIANO CARVALHO DOS SANTOS

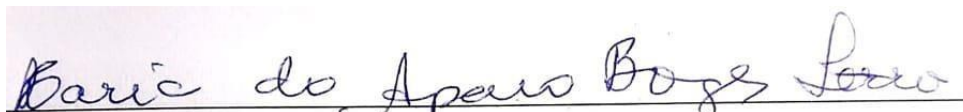
**UM MESTRE DE BANDAS ENTRE ESCOLAS E QUARTÉIS DO PIAUÍ:
TRAJETÓRIA DO PROFESSOR LUIZ SANTOS (1944 – 1994)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

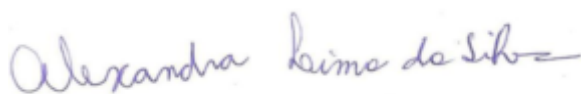
Aprovada: 11/09/2024.



Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti
Presidente (Orientador)
(PPGED/UFPI)



Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro
Examinadora Interna
(PPGED/UFPI)



Profa. Dra Alexandra Lima da Silva
Examinadora Externa
(PropEd/UERJ)

Páginas Transparentes
Minha vida é um livro
aberto
Cujas páginas são
transparentes Dessa vida não
me envergonho Do que fui, ou
dos meus parentes

Nessa estrada tão longa e
difícil Já passei por vários
ofícios
Se nada tenho de grande valor
Tenho a honra de ser professor

Não se vence com vontade
fraca Pois vitória, é sinônimo
de glória Faxineiro que fui no
passado
Minha vontade a função transformou

Subtraio o desejo de ter
Sempre somo à vontade de
ser
Dividindo com quem menos
sabe É melhor do que ter e
não ser.

Luiz Santos

AGRADECIMENTOS

A Deus, essência de todas as coisas. FAMÍLIA

Nossa senhora, uma mãe acolhedora, paciente e decisiva na minha vida.

Luiz santos e Adélia Santos (in memoriam), estão sempre aqui. É só eu ativar a memória do coração que eles surgem na minha vida novamente. Sempre é tempo de dizer obrigado. Sempre é tempo de dizer: perdão!

Aos meus filhos Sávio Emanuel e Leandro Gabriel, razão pelos quais respiro.

Agradeço a meus irmãos (também filhos de Luiz Santos), José Luís, Adelino, Gina, Anadélia, Elizabeth, Washington Luís, Luís Santos filho, Paulo Santos, Lucides santos, Teresinha Santos. Obrigado pela irmandade e companheirismo. Essa vitória é nossa.

Adelino Santos, obrigado maestro pelos ensinamentos nos tempos de CNEC. Estão na minha História.

Olívia Maria Carvalho dos Santos, me criou, me educou, me realizou, me fez. Obrigado “tia”.

Maria da Conceição (Concita), minha “irmã”, figura de presença física e espiritual, e está comigo em muitos momentos decisivos como esse. Gratidão sempre.

Shirley Sousa leite da Silva, mãe dos meus filhos, o tempo que passamos juntos muito teve contribuição sua em vitórias diversas. O tempo muda as pessoas, mas não seus feitos. Obrigado!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI

Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Montti, a vida insiste em sempre me trazer surpresas boas. Uma benção! Uma delas foi ter lhe conhecido. Lhe admiro em vários níveis. Academicamente, está simplesmente reescrevendo a história da música do Piauí com seu trabalho. Lhe agradeço, como músico, como professor, como filho e sobretudo como piauiense. Obrigado!

Profa. Dra. Gislene Danielle, ainda lembro quando você me disse, olhando nos meus olhos: “você consegue, vá”! uma pessoa que chegou aonde queria não por acaso. Parabéns e obrigado! Professores do PPGED, o trabalho de vocês é de fundamental importância para o surgimento de novos pesquisadores. Obrigado!

Alexandre dos Santos Oliveira, Sempre é tempo de lembrar a sua contribuição na minha retomada para os estudos. Gratidão!

Luiz Júnior Maranhão e Carlos Parná, de sobrinhos passaram a irmãos. Nossa História vem da infância e passa por todos os níveis da música. Gratidão!

Às grandes amigas profa. Dra. Márcia Pereira de Oliveira e profa. Ma. Joeline Conceição de Sousa Rodrigues. obrigado pela paciência, orientações, conversas e sobretudo força. Vocês são vitais!

À minha comadre e irmã de vida Soraya Castello Branco. Nossa amizade flui em qualquer segmento, acadêmico ou artístico. Obrigado por tudo sempre!

Ao meu pai artístico João Cláudio Moreno. Obrigado pelos ensinamentos em todos os níveis. Ainda temos muito a viver.

Obrigado a todos os meus amigos e professores músicos. A convivência com vocês é fundamental para o meu crescimento.

Orquestra de Violões de Teresina, OVT, anos da minha vida que jamais se apagarão. Uma honra fazer parte.

SANTOS, C. L. C. D. **Um mestre de bandas entre escolas e quartéis do Piauí: trajetória do professor Luiz Santos (1944-1994)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 78f. Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2026.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado aborda a trajetória do educador musical maestro Luiz Santos no estado do Piauí, destacando seu papel como militar e professor de música. Por meio de uma abordagem histórica, o estudo explora suas práticas educativas e o repertório empregado nas escolas e bandas em que atuou. A fundamentação teórica é embasada nos princípios da nova História cultural, com referências a pensadores como Le Goff (1990; 2003), Burke (1992), Halbwachs (1990), Catroga (2001) e Chartier (1990). A pesquisa se apoia em diversas fontes, incluindo a obra "Memória Piauiense", uma série que tem um número dedicado à memória do maestro. Além disso, são utilizadas outras fontes escritas e iconográficas encontradas em acervos públicos e pessoais. A dissertação incorpora entrevistas de professores contemporâneos, militares e ex-alunos do maestro. O recorte temporal da pesquisa abrange o período desde a formação do maestro como professor nos anos 1940 até sua saída da banda de José de Freitas nos anos 1990. No entanto, a análise da trajetória do pesquisado incorpora recuos e avanços temporais, para proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto histórico em que ele atuou. Os resultados da pesquisa oferecem uma visão abrangente da ação do maestro Luiz Santos para a educação musical no estado do Piauí, destacando sua atuação na corporação militar, seu papel como educador e a diversidade de suas práticas e repertório.

Palavras-chave: Maestro. Educação Musical no Piauí. Maestro Luiz Santos. Bandas de música.

SANTOS, C. L. C. D. **A bandmaster between schools and barracks in Piauí: the trajectory of Professor Luiz Santos (1944-1994).** Dissertation (Master's in Education). 78p. Postgraduate Program in Education. Center for Education Sciences, Federal University of Piauí, 2026.

ABSTRACT

This master's dissertation addresses the trajectory of the musical educator Maestro Luiz Santos in the state of Piauí, highlighting his roles as a military figure and music teacher. Through a historical approach, the study explores his educational practices and the repertoire used in the schools and bands where he worked. The theoretical framework is grounded in the principles of the New Cultural History, referencing thinkers such as Le Goff (1998; 2003), Burke (1997), Halbwachs (1990), Catroga (2001), and Chartier (1990). The research draws on various sources, including the work "Memória Piauiense," a series that includes a volume dedicated to the maestro's memory. Additionally, written and iconographic sources from public and personal collections are utilized. The dissertation incorporates testimonies from contemporary teachers, military personnel, and former students of the maestro. The research timeline spans from the maestro's formation as a teacher in the 1940s to his departure from the band of José de Freitas in the 1990s. However, the analysis of the subject's trajectory includes temporal regressions and advances to provide a deeper understanding of the historical context in which he operated. The research findings offer a comprehensive view of Maestro Luiz Santos's contribution to musical education in the state of Piauí, highlighting his influence in the military corps, his role as an educator, and the diversity of his practices and repertoires over the decades.

Keywords: Maestro. Musical Education in Piauí. Maestro Luiz Santos. Music Bands.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maestro Luiz Santos	16
Figura 2 – Jornal da época noticiando o evento da publicação do livro Memória piauiense	18
Figura 3 – Memorial TC Luiz Santos.....	19
Figura 4 – Noticiário do falecimento de Luiz Santos.....	20
Figura 5 – Notícia sobre o falecimento de Luiz Santos.....	21
Figura 6 – Luciano Santos, o caçula do Maestro Luiz Santos, mascote da banda da ETFPI.....	25
Figura 7 – Mapa itinerário de Luiz Santos.....	28
Figura 8 – Fotografia retirada da primeira carteira de trabalho de Luiz Santos quando trabalhou no Bar Rio Branco	29
Figura 9 – Mestre Antônio Rodrigues (1937).....	31
Figura 10 – Banda de música da PM-PI em 1958 em pose no pátio interno do quartel geral (Antiga Sede - atual centro de artesanato na praça Pedro II)	35
Figura 11 – Porta de entrada da sala de imprensa do River Atlético Clube	37
Figura 12 – Solenidade de implantação da OMB em Parnaíba -PI, presidida por Luiz	39
Figura 13 – Ata de criação da Seção no Piauí da OMB.....	40
Figura 14 – Mapa itinerário de Luiz Santos.....	42
Figura 15 – Grupo de Jazz da polícia militar em 1940.....	44
Figura 16 – Os Milionários, 1963	46
Figura 17 – Linha do tempo institucional IFPI	48
Figura 18 – Folder comemorativo aos 53 anos da Banda de Música IFPI.....	49
Figura 19 – Luiz Santos discursa para alunos na ETFPI, 1981.....	53
Figura 20 – Ao concluir curso de formação em artes.....	55
Figura 21 – Banda de música da ETFPI faz o contorno para o ingresso na avenida Frei Serafim, 1982.....	56
Figura 22 – Decreto de lei da criação da banda 16 de agosto, de 28 de novembro de 1968	56
Figura 23 – Luiz Santos rege a banda 16 de agosto na rede globo de televisão no programa concertos para a juventude	57
Figura 24 – Banda de Nossa Senhora dos Remédios em forma para o desfile em 1992.....	58
Figura 25 – Luiz Santos rege a valsa “Daise Vasconcelos” em 1990, em Nossa Senhora do Remédios.....	60
Figura 26 – Banda Fé no Povo se apresenta em José de Freitas, em 1993.....	61
Figura 27 – Segunda passagem de Luiz Santos pelo interior.....	62
Figura 28 – Luiz Santos rege as bandas convidadas no encerramento do evento	63

Figura 29 – Luiz Santos recebe homenagem do comando do 25 BC.....	64
Figura 30 – Luiz Santos recebe o título de cidadão teresinense.....	64
Figura 31 – Letra e parte inicial da grade do bolero santinho, de Luiz Santos	67
Figura 32 – Valsa GINANABETH.....	69
Figura 33 – Hino de Amarante.....	70
Figura 34 – Hino de Nossa Senhora dos Remédios	71
Figura 35 – Homenagem do River Atlético Clube ao compositor do hino da agremiação.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Família Santos	24
Tabela 2 – Obras autorais para a Banda da PMPI	45
Tabela 3 – Músicas do LP	46
Tabela 4 – Panorama de suas composições com arranjos voltados para bandas de música....	73

LISTA DE SIGLAS

25BC	Vigésimo Quinto Batalhão de Caçadores
BPM	Batalhão de Polícia Militar
CCE	Centro de Ciências da Educação
ETFPi	Escola Técnica Federal do Piauí
FESTBANDAS	Festival de Bandas
FUNARTE	Fundação Nacional das Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPI	Instituto Federal do Piauí
LP	Long Play
MA	Maranhão
OMB	Ordem dos Músicos do Brasil
PDI	Programa de Desenvolvimento Interno
PI	Piauí
PMPI	Polícia Militar do Piauí
RCA	Radio Corporation of America
TEN.CEL	Tenente Coronel
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 LUIZ, MESTRE DE BANDA.....	27
2.1 A formação: estudar era preciso	37
2.2 Nas Bandas de cá, pelas bandas de lá	39
2.2.1 A banda da PMPI	42
2.2.2 “MILIONÁRIOS” da música	45
2.2.3 Banda da ETFPI.....	47
2.2.4 Banda 16 de Agosto.....	55
3 MÚSICA: ANDANÇAS DE CIDADE EM CIDADE.....	60
3.1 Música é tudo: o fazer musical do maestro Luiz Santos	63
3.2 O repertório e o método do maestro	66
3.3 Composições	67
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Nascido na antiga Berlengas, atual Valença do Piauí, ainda adolescente aos 17 anos, veio para Teresina. Em uma viagem nada convencional para os moldes atuais. Veio a pé, com seus seis irmãos e mãe, tangendo jumentos e burros que carregavam bugigangas e os irmãos mais novos, em cestos chamados côfos, apoiados nos animais. Ainda que uma chegada nada triunfal, a família “aportou” o grupo na praça Pedro II, numa tarde de abril de 1939 (Santos, 1992, p.12).

A epígrafe supracitada trata da chegada de Luiz Santos e sua família ao solo teresinense no final da década de 1930. O trajeto de Valença à capital piauiense significou um percurso decisivo na trajetória do militar e educador musical. Essa mudança para a capital, ainda na juventude, representou uma tentativa de fuga das dificuldades enfrentadas no interior do Piauí. A presente dissertação tem como objetivo analisar a atuação do Maestro Luiz Santos, abrangendo sua formação, trajetória profissional e atuação musical nos cenários militar e civil. Em outras palavras, é uma investigação que visa refletir sobre a forma como o maestro operava a música e sua atuação nas bandas civis e nos quartéis do Piauí, seus espaços de atuação como educador musical no Estado.

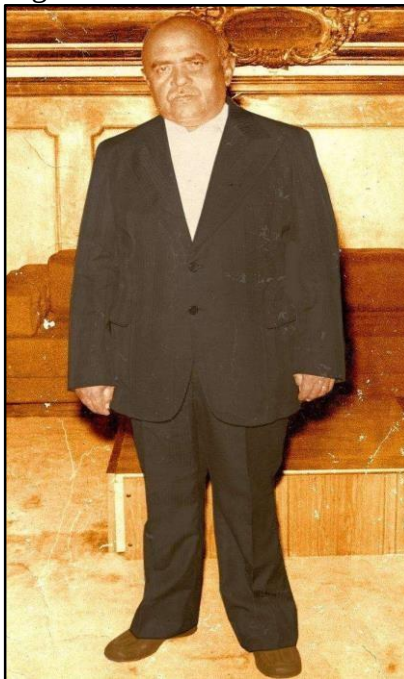
O maestro e professor piauiense, Luiz Santos, atuou tanto na capital quanto em municípios do interior do Estado, em instituições civis e militares, dedicando-se ao ensino de música, o que proporcionou uma experiência demarcada em duas frentes: uma como maestro e instrumentista, e outra como professor. Além disso, destaca-se a marca que deixou por meio de suas composições.

Diante disso, no texto, serão mobilizadas fontes diversas, tais como: fotografias, documentos, jornais da época, bem como narrativas de profissionais, ex-alunos e contemporâneos do sujeito de estudo, parceiros da trajetória do professor. As entrevistas foram feitas por meio de gravação em áudio de aparelho celular e arquivadas pelo pesquisador.

O contato inicial com a música ocorreu com o mestre Antônio Rodrigues, um militar e músico que atuou no Piauí entre os anos de 1910 e 1940, das primeiras notas assimiladas logo conjecturou novos horizontes para sua vida profissional. Àquela época as bandas de música eram frequentes nas manifestações culturais das cidades do interior (Costa, 2011), sua relevância sociocultural foi agregada ao longo do tempo no processo de profissionalização do maestro, vejamos que a sua principal manifestação profissional ocorreu no meio militar, segue que, de acordo com Costa (2011) a figura militar em bandas de música designa como um ícone de valorização e de anseio por oportunidade de melhora qualitativa da vida e de pertencimento

ao grupo social, medida da expressão da identidade cultural, “o caráter formativo-musical parece ser uma marca constante da identidade das bandas de música no Piauí” (Ferreira Filho, 2019, p. 173) acrescentamos que são uma extensão para os próprios músicos.

Figura 1: Maestro Luiz Santos



Fonte: Acervo particular do autor (2024)

Em sua trajetória como professor de Educação Artística passou pela então Escola Técnica Federal, atual Instituto Federal do Piauí (IFPI) e, ainda, por escolas da rede estadual, na capital e no interior, organizando bandas juvenis e contribuindo na educação de jovens. “Luiz Santos atuava na formação de jovens músicos através de bandas estudantis, corais e bandas profissionais, militares e civis” (Polícia Militar do Piauí, 2000, p.71).

Trabalhando em várias frentes, O Maestro se desdobrava em manter uma família de 15 filhos, com a senhora Adélia Carvalho dos Santos, e a sua ascensão profissional. Como militar, iniciou sua carreira de vida pública em 30 de abril de 1946 (Polícia Militar do Piauí, 2000, p. 73).

Como músico, o trompete era seu instrumento de especialidade. Criou vários grupos musicais, os chamados “Jazz”, terminologia para uma categoria de grupos instrumentais da época, merecendo menção o grupo “Os milionários”, destaque nas inúmeras apresentações em várias regiões. Era considerado virtuoso trompetista, vejamos:

Quando cheguei em Teresina, em fins de 1952, Luiz Santos já era integrante da banda de música da Polícia Militar do Estado, por sinal um dos melhores –

Lembro bem. Era um tempo de orquestras barulhentas e pouco harmoniosas, que tocavam em estilo convencional e sem qualquer traço de modernidade, animando as festas dançantes do River e do clube dos diários, no carnaval, nas datas comemorativas e nas tertúlias domingueiras. Luiz Santos já se destacava, em seu instrumento, como um músico vocacionado. Estava realmente acima, além da média contemporânea. E foi seguramente por isso que lhe coube o papel de sucessor do maestro Sebastião Simplicio na direção da banda da Polícia Militar, a qual ingressara em 1946 (Santos, 1992, p. 06).

É neste sentido que o trabalho propõe uma análise acerca da trajetória do maestro Luiz Santos no que se refere à sua atuação musical no meio militar e sua prática docente, contribuindo, assim, com a educação musical piauiense. O fato de termos poucos trabalhos de pesquisa sobre a história profissional deste militar, músico, maestro e educador, justifica o interesse em realizar essa investigação de forma mais rebuscada, pois necessitamos constantemente de estudos mais eficientes sobre a música em seu formato educacional e histórico.

Tal intuito visa a mobilização de suas obras, assim como a reflexão de sua atuação tendo em vista que seu desempenho na formação de uma geração de músicos e alunos ligados à educação musical do estado do Piauí. Além de incrementar as pesquisas sobre pessoas historicamente reconhecidas para a educação musical local. Também é fato a carência de material como fonte de estudo e pesquisas referentes aos sujeitos que contribuíram para a educação musical piauiense.

Como militar, músico e professor, Luiz Santos fez disseminar em sua família a semente de uma atividade musical em vertentes diferentes. Assim, dos treze filhos, a música se tornou um componente importante na escolha das profissões. Na prole existem militares, professores e músicos profissionais. Ao longo do trabalho não rara são as passagens do maestro atuando com a própria família. Três de seus filhos vieram a atuar inclusive exatamente nas instituições por onde o maestro atuou.

Como fonte biográfica da pesquisa, serão utilizados como referência a obra *Luiz Santos* da coletânea Memória Piauiense (1992), o *Almanaque Comemorativo da Polícia Militar* (2000) e o livro *A Banda de Música da Polícia Militar do Piauí* (2014). Os aspectos familiares do pesquisado serão abordados com relatos de filhos e parentes, e o equipamento visual com fotos do professor são decorrentes de acervo particular de minha responsabilidade e também publicações que trazem passagens das atividades do pesquisado.

A coleção Memória Piauiense é uma publicação que tem como objetivo construir um panorama biográfico acerca de nomes que ajudaram a compor a educação musical no Estado, dessa forma o volume Luiz Santos foi publicado em 1992. O projeto foi idealizado pela então

Fundação José Elias Tajra. O objetivo inicial seria uma coletânea com vários nomes, entretanto, a série completa não foi concluída. O lançamento inicial saiu com os nomes de dois maestros: Emanuel Coelho Maciel e Luiz Santos em noite solene no Teatro Quatro de Setembro com apresentação de grupos regidos pelos dois músicos.

Figura 2: Jornal da época noticiando o evento da publicação do livro *Memória piauiense*



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

Luiz Santos foi homenageado em instituições como o já nomeado Instituto Federal do Piauí. O memorial da Polícia Militar do Piauí tem seu nome, Memorial Tenente-Coronel Luiz Santos. Destacamos outra honraria recebida pelo Maestro, o Mérito do Renascimento do governo do Estado do Piauí.

Figura 3: Memorial TC Luiz Santos

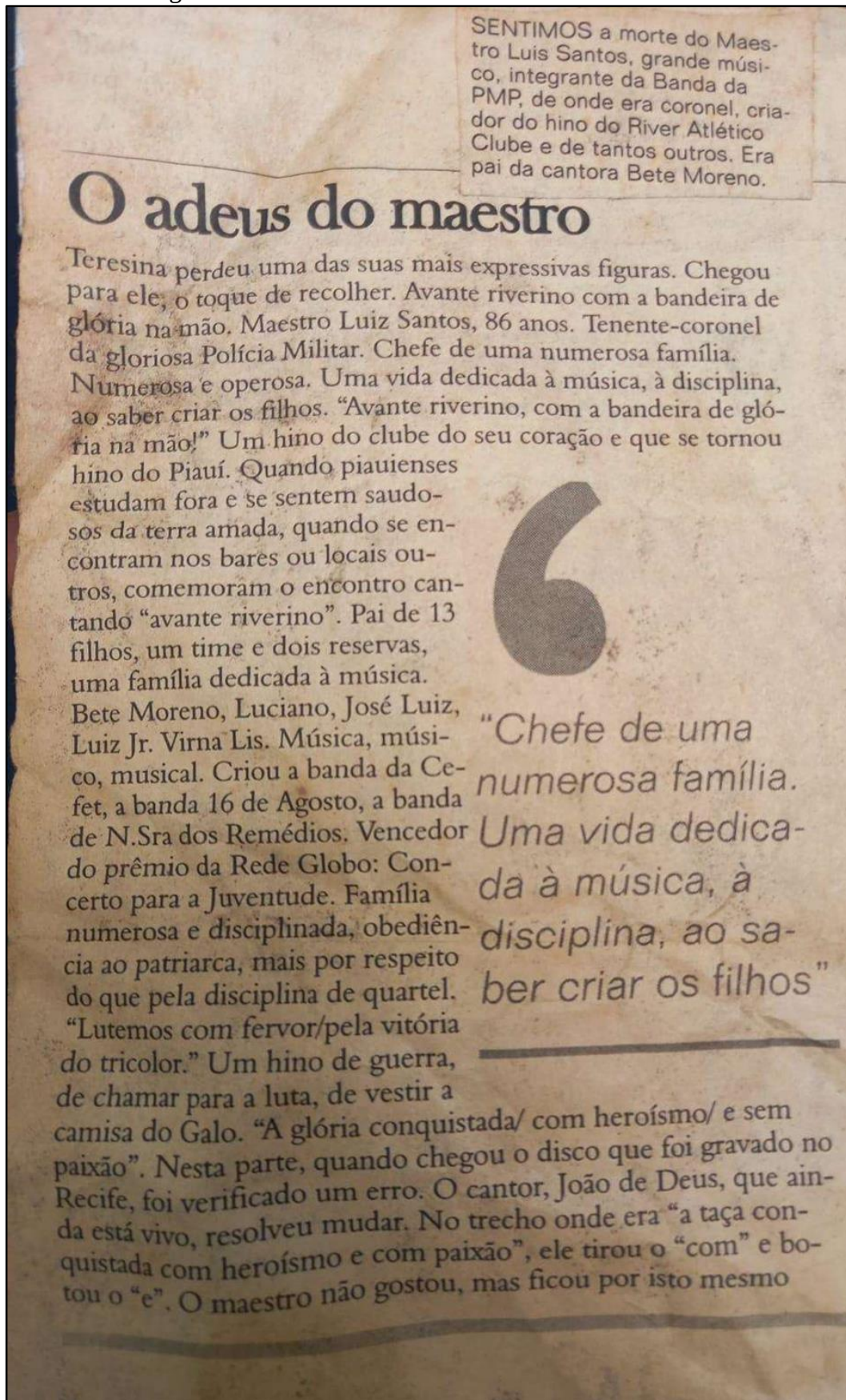


Fonte: Acervo particular do autor (2024).

Não há por que desanimar, se minha vida é a que eu sempre quis, e se em outra vida houver um outro mundo, eu lá também serei feliz”, a música Ginanabeth, que compôs como forma de demonstrar o seu amor para as filhas se tornou um trecho saudosista cantarolado por Luiz Santos em tempos de saúde debilitada. É poético e, de forma intensa, reflete que em sua vida o objetivo foi alcançado, pois foi e sempre será feliz com o que escolheu. Em quatro de maio, de dois mil e nove, às 10h05min, aos 87 anos se fechavam para sempre as cortinas da vida do maestro.

A notícia do falecimento do maestro destacou a extensa família e o legado musical deixado, seja com a composição do hino do clube futebolístico River, seja com as premiações alcançadas por meio da regência de bandas, figura 4, em outra reportagem evidencia a dedicação educacional e a renovação da Banda da PMPI, figura 5.

Figura 4: Noticiário do falecimento de Luiz Santos



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

Figura 5: Notícia sobre o falecimento de Luiz Santos



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

Essa investigação está fundamentada na História Cultural como teoria de base. A História Cultural, também possui a denominação de escola dos Annales ou ainda Nova História, é surgida nos anos de 1929, tendo como idealizadores Lucien Febvry e Marc Bloch. Possui como elemento de destaque a interdisciplinaridade, tendo em vista que advém de estudos de antropologia, economia, geografia e sociologia, entre outras áreas de conhecimento. É neste sentido, que histórias de pessoas chamadas comuns passam a ganhar destaque, sobretudo por meio de narrativas, muitas vezes com depoimentos orais, Burke (1992, p. 07) já evidenciava que a História Nova pretende ser “a História de todas as atividades humanas, e não apenas a

História política”, portanto, avança para a História total, ainda que muitas vezes pareça uma busca inatingível.

Mobilizamos também ideias de dentre os quais, Halbwachs (1990), que apesar de não ser propriamente um autor deste segmento histórico, é muitas vezes estudado como autor do referido modo de analisar a História. Halbwachs (1990) nos mostra que a memória individual não é isolada. Para evocar nosso próprio passado, em geral, recorremos a lembranças de outras, nos transportando para referências externas. Nesse contexto de memória pessoal e memória social é que se enquadra o campo de trabalho das recordações do maestro, no qual por meio dos fatos de sua vida contemplamos a perspectiva da sua trajetória e principalmente de sua forma de atuação na educação musical através das bandas.

Jean Paul Sartre (1946) expressou que a história cultural não tem essência, mas tem a própria história. Nesse sentido, o artista “faz e vive” e sobrevive de sua arte a partir do momento em que constrói sua história firmado no que escolheu para viver, não guardando para si, mas compartilhando para que outros possam usufruir do mesmo benefício: a Arte. Neste sentido, a história de vida profissional do maestro Luiz Santos vai ao encontro com a questão, na medida em que teceu sua história a de outros.

Burke (2018) apresenta a narrativa como uma opção para a escrita histórica de experiências de pessoas outrora “invisíveis”, sem títulos de nobreza ou algo que o valha. De acordo com o autor, as histórias de pessoas em determinadas culturas nos fornecem pistas para a interpretação de mundo. Outro elemento que reforça a consonância dessa pesquisa com a Nova História vem de Roger Chartier (1990), evidenciando que a história cultural tem como principal objetivo “identificar o modo como em determinados lugares e momentos uma realidade social é construída” (Chartier, 1990, p. 55).

A memória ganha status de documento quando arquivada, deixa de ser recordação, uma acepção segundo Catroga (2001). Neste sentido, documentar a atuação e a musicalidade de Luiz Santos representa uma contribuição para que futuras gerações tenham na sua pesquisa biográfica, ainda que sua vida se deságua em diversas vertentes, a exposição de valores que impulsiona pessoas negras e pobres a perseguir as oportunidades que lhes venham a surgir.

Ao trabalharmos com histórias de vida de professores, é possível observarmos como estes se sentem como docentes e como se construíram, como encararam a profissão e suas diversas etapas, além do conhecimento de todo um percurso que foi mediado pelo universo social por meio das ideias e práticas em circulação (Novóia, 1992, p.75).

Não se trata de uma tarefa das mais difíceis abordar a biografia de uma pessoa já conhecida e reconhecida no meio profissional pelo qual tenha enveredado. Mas como então tratar os indivíduos de origem comum? Como o maestro Luiz Santos superou os percalços e se fez reconhecer?

Da Silva (2009) argumenta que nunca, como hoje, tivemos a convicção de que somos criadores e não apenas criaturas da História. A inscrição do nosso percurso pessoal e profissional na história nos permite uma consciência crítica de “quem fomos” e de “como somos”.

Ainda como justificativa desta pesquisa é possível destacar a reflexão de Alberti (2018) para a História Oral, evidenciando o processo de captação dos fatos vividos e da própria História em si que não se resume apenas na absorção dos acontecimentos com um fim em si mesma, mas um meio de conhecimento, e se justifica como produto da investigação científica. Assim, entendemos a importância da história oral neste desenvolvimento de construção do conhecimento científico ora proposto e, ainda, o fato de seguir na linha da história da educação por meio da biografia de pessoas, podemos ter além de um diagnóstico social, demonstrar aspectos antropológicos das vivências humanas em um viés profissional.

A pesquisa é para além do acadêmico um viés de interesse pessoal, pois trata da minha vivência enquanto partícipe da vida de Luiz Santo, meu pai, de sua vida e obra temos primeiramente o amor à família e o olhar de educador musical.

No que ecoa sua referência sobre mim dedilhamos que Luiz Santos e Adélia formaram um casal em 1947, dessa união nasceram 15 filhos. No início, uma série de desafios foram vividos, dois de seus filhos faleceram (Santinho e Celina) ainda crianças, um episódio traumático e muito triste que para ser superado, contou sobretudo com a presença dos filhos mais velhos. O episódio em si foi fonte de inspiração para as composições do maestro. Adélia se tornaria a base da estrutura familiar. O apoio para que Luiz pudesse progredir em seus estudos e profissionalmente. Inúmeras foram as viagens e atividades que denotavam muito tempo, contavam sempre com a mansidão e postura discreta de minha mãe. Uma mulher que parecia muitas vezes “invisível”, mas semelhante ao ar, discreta e indispensável. Gostava de se reunir em família e dar seus “pitacos” musicais, sobre suas preferências e gostos e, às vezes, com críticas. Neste universo, não é difícil imaginar a influência musical e militar no grupo.

Dos filhos existem militares, músicos, cantores e instrumentistas. Santos trocou o patrimônio líquido por um matrimônio sólido e alegava sempre não ser um homem do “ter”, mas do “ser”. Um casamento de mais de 50 anos gerou uma espécie de dependência em ambos. Sendo que, quando da sua morte em maio de 2009, fez com que Adélia, que também já era

acometida de várias enfermidades, entrou em depressão irreversível, vindo a falecer na noite de natal do mesmo ano. Para ela existe valsa, bolero e para todos uma composição chamada A Família, onde o maestro exalta os seus, e a alegria de nos ter em ambiente familiar. Algumas das composições do maestro serão apresentadas no terceiro capítulo deste trabalho.

No meio familiar, a música se tornou um verdadeiro mote no qual, praticamente, todos os componentes, inclusive os que não são profissionais dela, trabalham no meio. Um caminho até natural, visto que os mais velhos já ajudavam o maestro e os mais novos, como eu, já nasceram dentro do ramo. O processo só aumentou com a chegada dos netos, que também atuam como músicos, instrumentistas e cantores. A tabela a seguir expõe um braço da Família Santos que serviram e servem a atividade musical.

Tabela 1: Família Santos na Música

Adelino Carvalho dos Santos	Maestro – professor – músico profissional. Regente em Florianópolis -SC e membro do conselho municipal de cultura de Florianópolis.
Cláudio Luciano Carvalho dos Santos	Violonista – professor de Artes da rede pública e privada. Produtor musical, membro da orquestra de violões de Teresina. Coordenador da Escola de Música do Estado do Piauí.
Elizabeth Carvalho dos Santos	(Beth Moreno) Cantora sambista. Atualmente reside em Florianópolis- SC
José Luiz Carvalho dos Santos	Professor de língua portuguesa do IFMA, compositor, cantor, saxofonista, escritor de gramáticas e romances.
Luiz José dos Santos Filho	Sargento do Exército brasileiro. Componente da banda de música.
Paulo Carvalho dos Santos	Músico. Componente da banda de música 16 de agosto da prefeitura municipal de Teresina.
Washington Luiz Carvalho dos Santos	Sargento da PM do Maranhão. Regente da banda de música do colégio militar em Timom – MA
José Pereira dos Santos (cap. Santos)	(Filho de criação) capitão do exército, maestro da banda de música do 25 BC

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os filhos relacionados na tabela mostram uma das vertentes musicais do maestro Luiz Santos. No meu caso em particular, observar a história do maestro é mergulhar na minha própria história também. Estou entrelaçado e posso atestar que narrar fatos que muito deles

testemunhei, são como cenas que trazem ao presente um passado em forma de *flashes*. Assisto a memória virar história.

Figura 6: Luciano Santos, o caçula do Maestro Luiz Santos, mascote da banda da ETFPI



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

Foram sete entrevistados, quatro ex-alunos e três companheiros de bandas, personalidades que acompanharam o maestro Luiz Santos, e foram impactados com o seu trabalho enquanto educador musical.

Há que se tratar do reforço com o Grupo NEHEMus, da Universidade Federal do Piauí, sob a coordenação do prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Montti e o efeito que ecoa por meio de seus estudos e projetos de pósgraduação do PPGED apresentando um amplo panorama da educação musical no Estado. Pessoas que contribuem fortemente para a cultura do Estado. Luiz Santos, a exemplo de outros nomes, tem sua história de vida e profissional exposta a luz do trabalho no grupo de pesquisa.

Diante do exposto faz necessário apontar as questões indagadoras que direcionam esta investigação, tais como: a) Como o maestro Luiz Santos ficou conhecido e se fez conhecer? b) De que modo se deu a atuação do educador musical em escolas e bandas no Piauí? c) Quais composições e métodos de ensino foram mobilizados pelo músico em sua prática docente?

Como estrutura desta dissertação abordarei na sessão 1, chamada de Luiz, mestre de banda, dedicada ao que fez Luiz o mestre de banda, delinearei sua trajetória pessoal com as incursões profissionais no universo militar e civil, as viagens de formação e o início do trabalho como educador musical.

Para a seção 2 abordarei a atuação do maestro nas bandas de música, motor principal de sua atuação, motivo que o consolidou como artista piauiense de destaque e educador musical. Na seção 3 fiz um compilado mais subjetivo de suas andanças pelo Piauí, explorando o universo composicional das obras criadas pelo músico ao longo de sua trajetória, assim como os aspectos metodológicos de sua didática. As apresentações dos grupos liderados pelo maestro e ainda sua atividade como compositor autoral.

2 LUIZ, MESTRE DE BANDA

A responsabilidade, a moral elevada e a conduta firme são partes da alma do maestro. Ao avaliar sua vida ‘cheia de altos e baixos, flores e espinhos’, acha que toda obra é fruto também da determinação. E tudo que é deve à educação que recebeu de dona Benedita e Seu Firmino. A música, também. Os pais eram lavradores, mas havia música no lar, quando dona Benedita destilava canções no ar, enquanto dava milho às galinhas, no quintal. Não que isso trouxesse alguma influência, mas dos filhos de Benedita e Firmino, pelo menos três desenvolveram dotes musicais: José Firmino, Francisco e o próprio Luiz Santos, que mostrava pendores para a música já na infância. Ele lembrou-se disso quando emigrou para Teresina no lombo do jumento, em 1939 (Santos, 1992, p. 12).

A priori de funções do senso comum, a história é individual, são os passos dados desde o nascimento à morte, obviamente, a trajetória é permeada de circunstâncias que nos moldam, concedendo direcionamentos que nos fazem ser quem somos, em que pese esse empirismo, espreitamos às condições sociais, culturais, físicas e espirituais para nos transportar a um mundo ancorado em vivências que se fundem na construção da nossa identidade e memória social.

Dito isso, é preciso compreender que a memória é uma construção social e individual justaposta ao sentimento de identidade (Pollak, 1992) e, essa concepção de identidade é:

[...] o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollak, 1992, p. 204).

A história é essa representação do sujeito, como ente social, que participa e compartilha de uma memória que o identifica e define. A migração de Luiz Santos e família foi um ato norteador para suplantar a condição humilde em que viviam, Oliveira (2024) em sua tese de doutorado *Representações polifônicas: Entre migrações, formação e militância do barítono Raimundo Pereira (1978-2006)* enfatiza a importância da migração em confronto com a situação social, a autora sustenta a tese da migração como marco que impulsiona a formação educacional e das redes de sociabilidade.

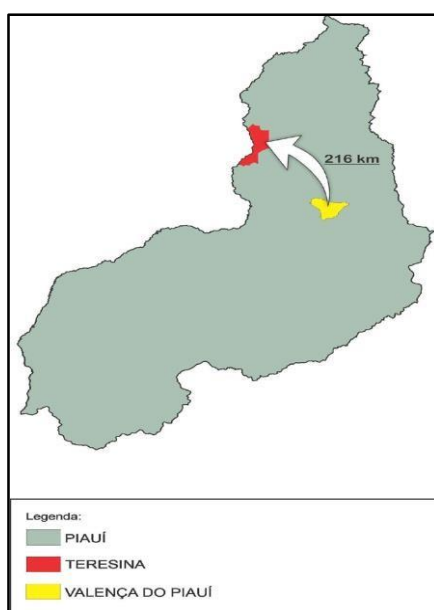
Sobre os motivos que levaram Raimundo a migrar, entendo que, premido pela necessidade material, impulsionado pelo desejo de encontrar conhecimento e assumir sua identidade homossexual, aventurou-se em seus processos migratórios que, como ele mesmo coloca, se deram com a cara e a coragem. A primeira migração, assim como a segunda, ocorreram com recursos escassos, o que não o impediu de seguir em busca de formação, aprimoramento e autoconhecimento. (Oliveira, 2024, p. 131).

Delineando um paralelo, observo que a medida da migração ocorre como ponto de fuga da condição social, a morte do pai de Luiz Santos obrigou a família à migração (Luiz Santos, 1992), de fato, o conteúdo social, também, significa um argumento contundente para a superação das adversidades sociais, pois a partir dessa iniciativa, Luiz Santos pode aprender a ler, escrever e aprofundar de forma sistemática no conhecimento de música.

O maestro Luiz Santos foi um representante da prática musical bandística do Piauí. Nasceu em Valença, cidade do Estado do Piauí, em 1922, pertencia a uma família sem posses. O pai, o Senhor Firmino José dos Santos, e a mãe, Dona Benedita, tiveram oito filhos, eram humildes, e após a morte de Firmino a precária condição material foi agravada, empurrando a família para Teresina no final da década de 1930. Um percurso de 216 km realizado em “uma longa marcha a pé, tocando burros que conduziam os poucos pertences, durou várias semanas” (Santos, 1992, p. 11).

A mudança trouxe novos rumos para a vida de Luiz Santos que, a princípio, trabalhou com serviços gerais, guiou-se pelo Exército Brasileiro e em seguida para a Polícia Militar do Piauí, quando passou a atuar na banda de música, já na área da educação construiu a escola primária Dom Pedro I, ministrou posteriormente aulas de música e de português em diversas Instituições no Piauí.

Figura 7: Mapa itinerário de Luiz Santos



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Mesmo em meio às dificuldades sociais, a família do maestro Luiz Santos conseguiu se estabelecer, em Teresina, através de conhecidos, para enfim iniciar a vida laboral no bar Rio Branco, na praça João Luís Ferreira, centro da capital, como uma espécie de serviços gerais.

Luiz Santos obteve seu primeiro registro de carteira assinada no referido bar, a fotografia a seguir mostra a imagem do registro da sua primeira experiência de trabalho formalizado que pôde contribuir com o sustento familiar.

Figura 8: Fotografia retirada da primeira carteira de trabalho de Luiz Santos quando trabalhou no Bar Rio Branco



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

O jovem adentrou nas fileiras do exército brasileiro antes da maioridade e, assim, permaneceu até concluir o serviço militar no fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Com a saída do exército, permaneceu entre o Piauí e Maranhão quando ingressou na Polícia Militar do Piauí em 30 de abril de 1946. Na polícia fez carreira, sincronizando a vida militar com a musical, pois na Corporação desfrutou da oportunidade de colocar os conhecimentos musicais em prática.

O cerne da vida do Mestre Luiz está na música e, estaria fadado à vida de escravidão da necessidade nordestina se não houvesse conhecido “Zé do Pife”, um senhor que produzia pífano artesanal, feito de taboca, e não de bambu modelo mais comum, o pífano de taboca era considerado de melhor sonoridade, Ropke (2023) elucida em seu estudo que existe uma relação intrínseca entre o aprender a tocar e a construir o pífano¹.

¹ Ropke (2023) apresenta que, à semelhança de Zé do Pife, o mestre Chiquinho Princesa, mentor de Agenor, sujeito de estudo da autora, também, construía pífano de taboca. Essa singularidade revela uma intrínseca temática no sentido de unir a tradição e informalidade do aprender.

Luiz Santos conhecia Zé do Pife de ir e vir à Teresina com novidades e, por também, possuir um grupo musical regional que se apresentava em ocasiões culturais na cidade, assim, recebeu os primeiros “toques” de manejo e produção do seu próprio instrumento. O pífano é um instrumento bastante comum, sobretudo no nordeste brasileiro, tocado individualmente ou em grupos de músicos.

Cabe destacar que “A construção do pífano é uma questão relevante para os instrumentistas” (Ropke, 2023, p 55), a beleza da particularidade desse instrumento remonta a própria conceituação de identidade cultural, a observação crua de compreender o saber fazer e utilizar o equipamento sem maior grau de instrução, Ropke (2023) conclui que:

[...] pude perceber que os pifaneiros desenvolvem suas habilidades para a fabricação dos instrumentos sem um estudo específico, sem uma capacitação profissional. Estes saberes são construídos dentro de uma comunidade e são transmitidos de geração em geração, sem manterem contato com instituições de ensino (Ropke, 2023, p. 60).

O estudo da música para Luiz Santos surgiu com maior relevância somente após o aprendizado da leitura e da escrita, que ocorreu tardiamente aos 19 anos.

O adolescente não sabia ler e trabalhou como porteiro de pensão [...]. Pensava em música quando foi porteiro de Dona Mundoca e Seu Lapinha perto do quartel da polícia militar [...]. Só recebeu as primeiras lições de leitura e conta quando foi faxineiro do seminário onde funcionou o Colégio Pedro II (Santos, 1992, p. 12).

O conceito de acesso à educação como direito social surgiu apenas em 1988, com a Constituição Federal, ainda, no conteúdo legislativo da Carta, o artigo 205 informa que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Oliveira (2024) enfatiza a migração como um marco importante para a busca por estudo, e retrata para além da objetividade do verbo estudar a contextualidade de vida de cada um, anuncia então que:

Estudar e trabalhar, para algumas pessoas, não é algo tão natural, regular e dentro das expectativas da vida adulta quanto para outras. Gênero, sexualidade, raça, classe, não são apenas conceitos para se abstrair e discutir academicamente, são condições que guardam relação de causalidade com a concretude da vida (Oliveira, 2024, p. 59).

Ultrapassado o marco agravante do analfabetismo, outrora o Mestre Luiz foi iniciado no mundo da música de maneira escolarizada com o Mestre Antonio Rodrigues, conhecido no Estado por sua função de educador musical. Este aprendizado foi basilar em sua trajetória profissional sendo referência para sua vida, visto que Luiz se tornou um instrumentista reconhecido por seus pares e alunos e, seguindo o exemplo de seu mestre, também se tornou formador. Usava o que sabia e o que aprendeu em cursos de formação e em conservatórios propiciando uma escalada em termos de conhecimento e em patente na instituição Polícia Militar do Piauí (PMPI).

Figura 09: Mestre Antônio Rodrigues (1937)



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

Em 1946 Luiz Santos entra para o quadro da Polícia Militar do Piauí (PMPI), recém-saído do exército em sua bagagem carrega uma experiência da Banda do Batalhão do 25BC, Luiz Santos confirma uma trajetória em caminho ascendente, de soldado-músico ao posto de capitão-maestro, aposentou-se como tenente-coronel.

Luiz Santos era amante da música, mas também, um militar, conseguiu associar as duas carreiras. Podemos observar que não são carreiras dissonantes, de forma expressiva, isso nos mostra que existe uma relação intrínseca entre banda de música e a temática militar, pois “os primórdios da banda de música, essencialmente de caráter militar, remontam aos povos primitivos que utilizavam os instrumentos musicais para despertar o sentimento de guerra e encorajar os soldados à luta” (Rocha Sousa, 2014, p. 23), ao molde mais moderno o surgimento da banda é manifestado por Costa (2011, p. 242) ao expor:

Sabe-se que as bandas surgiram na Europa por volta do século XVI, porém, elas não tinham a mesma feição que as bandas das corporações atuais possuem, mesmo porque os instrumentos eram mais rudimentares, comparando-os com os modelos instrumentais modernos e performáticos do século XIX.

No Brasil as bandas militares surgem com a chegada da família real no ano de 1808, pois o exército nacional foi estabelecido contribuindo para que as bandas civis emergissem (COSTA, 2011, p. 243). Articulando a vida profissional de Luiz Santos, observamos que foi encadeada por uma multiplicidade de fatores: o contato rudimentar com música, a migração para Teresina, o aprendizado da leitura apenas na fase adulta, o estudo musical de forma sistemática, o ingresso no exército e a oportunidade de trabalhar na banda e, posteriormente, o acesso a PMPI, ademais adquiriu ampla qualificação musical.

Nesse contexto, uma dupla carreira se forma, como músico trompetista, o que já deixava uma porta para a vida civil e como regente da banda da polícia militar, fato que o fez transitar por vários municípios do Estado. Nessas andanças, Luiz Santos também fez viagens de natureza militar, por exemplo, sua chegada, pela primeira vez, em meados dos anos de 1950 ao município de José de Freitas, nesta cidade criou raiz, estabelecendo-se com sua família. Como depoimento acerca da ida do maestro para José de Freitas-PI, Ronaldo Chaves², ex-aluno e atual diretor da escola maestro Luiz Santos declara:

Luiz Santos teve uma primeira passagem por José de Freitas nos anos 50 como delegado da cidade, nessa época havia um dispositivo legal que permitia oficiais assumirem o posto. A função de delegado não o impedia de também desenvolver algo no ramo musical e assim o fez. Inclusive dois filhos seus nasceram no município. Ele voltaria em 1993 para aí sim desenvolver um trabalho musical na cidade à convite do então prefeito Robert Freitas (Chaves, 2023, p. 08).

Ainda em destaque para as viagens, o depoimento de Cândia para Rocha Sousa relata a singularidade do maestro que, após estudos no conservatório Alberto Nepomuceno, percorreu o Piauí como um desafio educacional, afirma que:

Em julho de 1962 o maestro Luiz Santos assumiu a banda de música da polícia militar do Piauí como 2º tenente. Antes fizera seus estudos de regência e harmonia no conservatório Alberto Nepomuceno, em Fortaleza -CE. No ano de 1964, o maestro tenente Luiz Santos já se tornava conhecido e admirado pelo sucesso alcançado e, no comando do então coronel Torres de Melo, a banda da PM-PI percorreu todas as cidades sedes de batalhões e companhias, numa maratona denominada “operação amizade”, fazendo a integração da PM com a população interiorana. O maestro Luiz Santos durante a operação se

² Entrevista de pesquisa concedida em outubro de 2023, na cidade de Teresina.

desdobrou com seus músicos para proporcionar às cidades de Parnaíba, Floriano, Piripiri, Campo Maior, São Raimundo Nonato, Simplício Mendes, Oeiras e tantas outras do interior piauiense uma alegria contagiante e fraterna (...) Estudantes e o povo em geral vibravam e até muitas vezes choravam de emoção. E o maestro Luiz Santos à frente, à pé, desfilando ao som de vibrantes dobrados como Emblema Nacional, Cisne Branco, Saudade da minha Terra e outros, percorrendo os bairros sob os aplausos da população (...) E assim o Maestro Luiz Santos foi promovido ao posto de 1º tenente e logo depois capitão e continuou o seu trabalho admirável junto à banda de música de grande valia para a polícia militar do Piauí (Rocha Sousa, 2014, p. 92).

Figura 10: Banda de música da PM-PI em 1958 em pose no pátio interno do quartel geral (Antiga Sede - atual centro de artesanato na praça Pedro II)



Fonte: acervo da família do maestro Sebastião Simplício (2023).

Conforme apresentado, o maestro enveredou pelo interior do Estado com seu trabalho como regente. É possível indicar que a banda atuou também como elo de reaproximação ao universo militar, do qual algumas pessoas mantinham certa repulsa em virtude da rigidez do próprio sistema militar, Luiz Santos foi chamado para dar uma nova roupagem ao estilo da Banda, principalmente a Banda da Polícia Militar do Piauí (Santos, 1992).

A música proporciona entretenimento, mas também é o fundamento da memória e da identidade de um povo, Freitas Junior e Perucelli (2019) apresenta, de maneira inicial, que é possível compreender a identidade e a cultura de forma isolada, fragmentada em conceitos isolados, um erro de gerenciamento de significado, porém, sobrevém que a identidade refere-se ao pertencimento do indivíduo no qual a cultura é a ignição, para tanto, esta é a fórmula que estrutura a identidade por meio da sociabilização (Freitas Junior; Perucelli, 2019), logo, a “vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura através dos modos de vida, das práticas culturais e das representações” (Barros, 2005, p. 2).

As bandas militares indicavam um aposto, um caráter nominal, que simboliza o momento e pertencimento histórico social, assim, assinala tal qual Pollack (1989) simbolizando nas alusões da memória, esquecimento e silêncio, um ponto de disputa entre os ditos e não-ditos, dentro do que cabe o enquadramento de uma memória coletiva que se espreme entre o apagamento e a continuidade.

Hoje, dois séculos após a implantação das bandas militares em nosso país, podemos dizer que essas corporações musicais têm uma inegável contribuição para a cultura musical brasileira, seja na construção de uma identidade para nossa música popular através de recriações devidamente nacionalizadas, às vezes com caráter quase orquestral, do variado repertório europeu de música de dança; ou seja, como um dos mais importantes veículos de difusão da cultura musical em nosso imenso território nacional, principalmente até a primeira metade do século XX (Rocha Sousa, 2014, p. 28).

Ecoando a amplitude da sociabilização evidenciada pelas bandas militares, o maestro capitão Rocha Sousa expõe que o grupo participava de variados eventos desde religiosos aos sociais, o que trazia aos músicos elevado reconhecimento público, diz que:

As apresentações da banda da PM ocorriam em clubes sociais, no próprio clube da polícia. Também nos eventos esportivos. Muitos músicos da polícia se apresentavam com bandas civis, principalmente no período do carnaval e sobretudo nas solenidades cívicas. Não tínhamos uma grande concorrência como atualmente. Não se tinha uma grande variedade. O público aceitava o que era oferecido (Rocha Sousa, 2023, p. 05).

Com uma gama variada de atividades, além dos já mencionados, as áreas esportivas e até mesmo as festividades carnavalescas passavam pelo repertório da banda da PM, dessa forma, “as bandas militares intensificaram rapidamente a sua ocupação nas ruas, praças, festas e em outras ocasiões. Foi através dessa atuação constante e diversificada que se vinculou a banda de música civil a traços militares, como no repertório, uniforme e instrumentação” (Costa, 2011, p. 248), como resultado dessa abrangência, a aproximação com o mundo esportivo foi inevitável e desenrolou-se pelo fato da Polícia do Piauí possuir um time de futebol de chamado Tiradentes com grande alcance nos campeonatos regionais e nacionais. Por essa ligação, nas aberturas dos grandes jogos, a banda se fazia presente para executar o hino nacional e das agremiações que possuíam hino.

Luiz Santos foi então convocado pelo clube de maior alcance no Piauí, o River Atlético Clube, para compor o hino do escrete, a composição se tornou popular no meio futebolístico e esportivo, fato que ampliou o nome de Luiz Santos fora do ambiente militar. A canção era

frequentemente executada em eventos. A seguir uma homenagem a Luiz Santos com o brasão do time e para sala de imprensa que recebeu o seu nome.

Figura 11: Porta de entrada da sala de imprensa do River Atlético Clube.



Fonte: Acervo particular do autor (2024).

O hino já recebeu diversas gravações, inclusive com a orquestra sinfônica de Teresina em homenagem ao clube. A gravação original contou com a interpretação do cantor e ex-sargento da PM, João de Deus, em entrevista concedida à TV Assembleia em 30 de outubro de 2015³, o intérprete destacou que “torci pelo time e torci pela letra, a música do River que é do Luiz Santos que eu interprei, eu cantei”. O Hino do River se tornou uma marca, um registro nas gerações que assistiam às glórias do time, revelando a contribuição para a consolidação da imagem do time na identidade piauiense, “avante, riverinos!”.

³ Entrevista concedida por João de Deus à TV Assembleia em 30 de outubro de 2015. O repórter evidencia que João de Deus além de ser o primeiro intérprete do Hino do River também foi membro da Banda de Música da PMPI, além de ex-jogador do time.

https://www.google.com/search?q=hino+do+river+jo%C3%A3o+de+deus&og=hino+do+river+jo%C3%A3o+de+deus&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigATIHCAIQRifBdIBCDU5OTRqMG03qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:16542284,vid:qBbpEtjj980,st:0

HINO DO RIVER ATLÉTICO CLUBE

Avante, Riverinos!
Com a bandeira de glória na mão
Lutemos, com ardor
Pela vitória do tricolor
Levemos à nossa sede
Que é orgulho de nosso
torrão A taça conquistada
Com heroísmo e sem paixão.

A nossa meta certa a
seguir É defender o Piauí
Com o nome do tricolor
Em qualquer lugar
Gritando Gol!
E ainda
proporcionarmos Um
meio social
Sem igual⁴

Vários músicos da corporação eram incluídos em bandas de baile conhecidas da época no período de carnaval, em especial, os músicos de sopro, trompetistas, saxofonistas e trombonistas formavam naipes para bandas na execução de marchinhas de carnaval. Um hábito bem tradicional e de amplo mercado para instrumentistas neste período que, somente viria a ser suplantado no início dos anos 1980 com o advento da música comercial baiana e seus derivados. Essas chamadas orquestras de frevo e marchinhas carnavalescas se transformaram em grupos menores denominados charangas, estavam presentes em estádios de futebol, bailes de formaturas e eventos políticos, curiosamente, ainda que com o mercado totalmente focado em formação de bandas comerciais e com hits da moda, há o ressurgir de grupos instrumentais em eventos públicos.

Com esta ponte com o mundo civil, o maestro abriu o canal que o levaria para este caminho como regente e também como músico. Contudo, grupos que atuavam dentro da PMPI e fora dela já eram uma realidade. Essa trajetória propiciava, de certa maneira, uma transição natural de um universo para outro - do militar para o civil.

Os grupos musicais instrumentais eram os “Jazz”, que seria um divulgador de composições populares e celeiro de artistas que por lá passaram. A incorporação de componentes jazzísticos e populares em bandas já acontecia nos anos 1930, sobre a

⁴ link com a gravação da música: <https://www.youtube.com/watch?v=uGE3lxx4BW8>

multiplicidade da banda da PMPI é relatado que, “quando necessário, também organizou em sua estrutura, em diferentes épocas, outras formações musicais de caráter diversos, como orquestras, jazz band, conjunto eletrônico, banda de festejos, charangas” (Rocha Sousa, 2014, p 2).

2.1 Formação: estudar era preciso

Por sua origem e situação social, o maestro Luiz Santos e sua família possuíam uma vida simples, eram oriundos da roça e ao chegar na capital piauiense as possibilidades de trabalho fora desse universo rural eram escassas. O estudo propedêutico aconteceu apenas aos dezenove anos e, de forma quase concomitante, as primeiras lições regulares de música com o mestre Antônio Rodrigues, em que pese todas as circunstâncias, foram decisivas para a definição de sua formação profissional.

Para a ascensão do soldado na PMPI era necessário que o indivíduo se qualificasse para progredir profissionalmente, diversos cursos eram oferecidos pela PMPI. Luiz Santos foi destacado para Fortaleza – CE onde estudou no conservatório Alberto Nepomuceno, em 1950, nesse momento teve contato com a formação em regência e as tendências modernas da música, pois conforme Napolitano (2010) na década de 1950 ocorreu uma virada de chave na produção musical, que se afastava da tradição popular, paralelamente à essas ideias ocorre que:

Quando em 1955 o comando da Polícia Militar destacou Luiz Santos para José de Freitas, assumiu a função de mestre de música. Foi um momento importante para a sua carreira, porque levava consigo uma formação jazzística e de banda, enquanto o universo musical de José de Freitas era povoado pelos senhores tradicionais que apreciavam tudo em música que contivesse as populares ‘cadê o peba João’ e ‘a ema gemeu’, as canções preferidas dos mais velhos da cidade (Santos, p. 14).

O estudo musical de Luiz Santos no conservatório Alberto Nepomuceno proporcionou uma melhor dinâmica ao conteúdo musical do maestro e a proporção disso foi a prática junto à banda. No que concerne sua progressão profissional habilitou-se para o posto de suboficial regente. E, então retornando, ficou até o posto de primeiro-tenente assumindo definitivamente a banda de música da PMPI. O capitão, maestro e pesquisador Carlos Rocha se refere a atuação do maestro Luiz Santos à frente da banda de música da PMPI dizendo que:

A polícia sempre proporcionava aos regentes e músicos de destaque a oportunidade de estudar fora. Assim, Luiz Santos trouxe novas ideias onde ele

se utilizava da escola italiana, com estudo do solfejo e da leitura rítmica. Era nítida a diferença dos que estudavam com os que eram autodidatas. Privilegiava logo o aprendizado do repertório. Por ter estudado em outras capitais como Fortaleza e Rio de Janeiro, o maestro nos apresentou algumas novidades de métodos. A formação de bandas se valeu da escola francesa e italiana. Ele alinhava o ensino ao que ele tinha visto no conservatório. Citava sempre Kodály. O resultado basta ver os seus discípulos, que em sua maioria não são somente músicos práticos. Também se tornaram professores e militares (Rocha Sousa, 2023, p. 06).

Além de uma formação musical, Luiz Santos também se aprofundou no estudo da arte como um todo, uma atividade que já despertava no ensino da música. O estudo da arte sistematizada estava em franca ascensão com as novas teorias, em 1974 fez uma pequena viagem de formação para o Rio de Janeiro para participar do Terceiro Encontro Nacional de Educação Artística, as viagens de formação contribuem para “impulsionar um olhar para uma nova descoberta profissional” (Rodrigues, 2022, p. 7).

Santos se qualificou no estudo das artes e se tornou professor em escolas de Teresina da rede federal (Escola Técnica Federal do Piauí, atual IFPI) e estadual, sendo inclusive um dos primeiros professores do gênero na capital. Na ETFPI, o trabalho de Luiz Santos ganhou visibilidade por conta do ensino da música ter um maior alcance.

Com a profissão de professor de Educação Artística, atinge a popularidade de professor aliada a militar, e na rede estadual é levado ao cargo de diretor do Colégio Estadual Lourival Parente. Em 2008 foi publicada a Lei nº 11.769 que dispôs sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica, dessa forma, com a promulgação da legislação seria necessário a qualificação profissional para cobrir a demanda imposta, no Estado do Piauí a Universidade Federal contava com um curso de Educação Artística com Habilitação em Música, Paixão (2021) apresenta que esse curso propiciava, ao fim da formação, um profissional polivalente:

O curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí foi criado em 1977 por meio da resolução No 01/77 CCE/UFPI, CONSUN e formou centenas de profissionais atuantes em diferentes áreas artísticas e de ensino. O currículo tornou-se obsoleto em razão da nova demanda do mercado de trabalho em razão da LDB 9394/96 que traz a especificidade para as diferentes linguagens artísticas, fazendo com que o conceito do profissional polivalente seja considerado ultrapassado, exigindo um novo perfil para os profissionais que atuam nessas áreas (Paixão, 2021, p. 40).

O curso de música foi criado na Universidade Federal do Piauí - UFPI no ano de 2010, Paixão (2021) ainda explica que esse fato levou a uma vasta procura pelo curso ocasionando, como consequência da qualificação, o surgimento de variados grupos musicais, bem como

escolas de ensino musical. Já o curso de Educação Artística, na UFPI, é decorrente da década de 1970, o viés dessa formação era a versatilidade, “um único profissional se tornaria responsável por dominar todas as linguagens artísticas para atuar em sala de aula” (Paixão, 2021, p.39), com a Lei de Diretrizes Bases 9394/96 esse tipo de curso fica à margem, pois a legislação da LDB preconiza especificidades não mais atendidas pela formatação existente no curso de Educação Artística.

2.2 Nas Bandas de cá, pelas bandas de lá

“Com a bandeira de glórias nas mãos, lutemos com ardor” o trecho acima é uma estrofe do hino do River, composto por Luiz Santos, mas poderia ser uma frase orgânica de sua vida, foi maestro, professor, compositor, fundador de diversas bandas de música no interior dos estados do Piauí e Maranhão. A intensa participação no cenário musical proporcionou a presidência da Ordem dos Músicos no Brasil (OMB), na seção Piauí.

Figura 12: Solenidade de implantação da OMB em Parnaíba -PI, presidida por Luiz Santos, 1965.

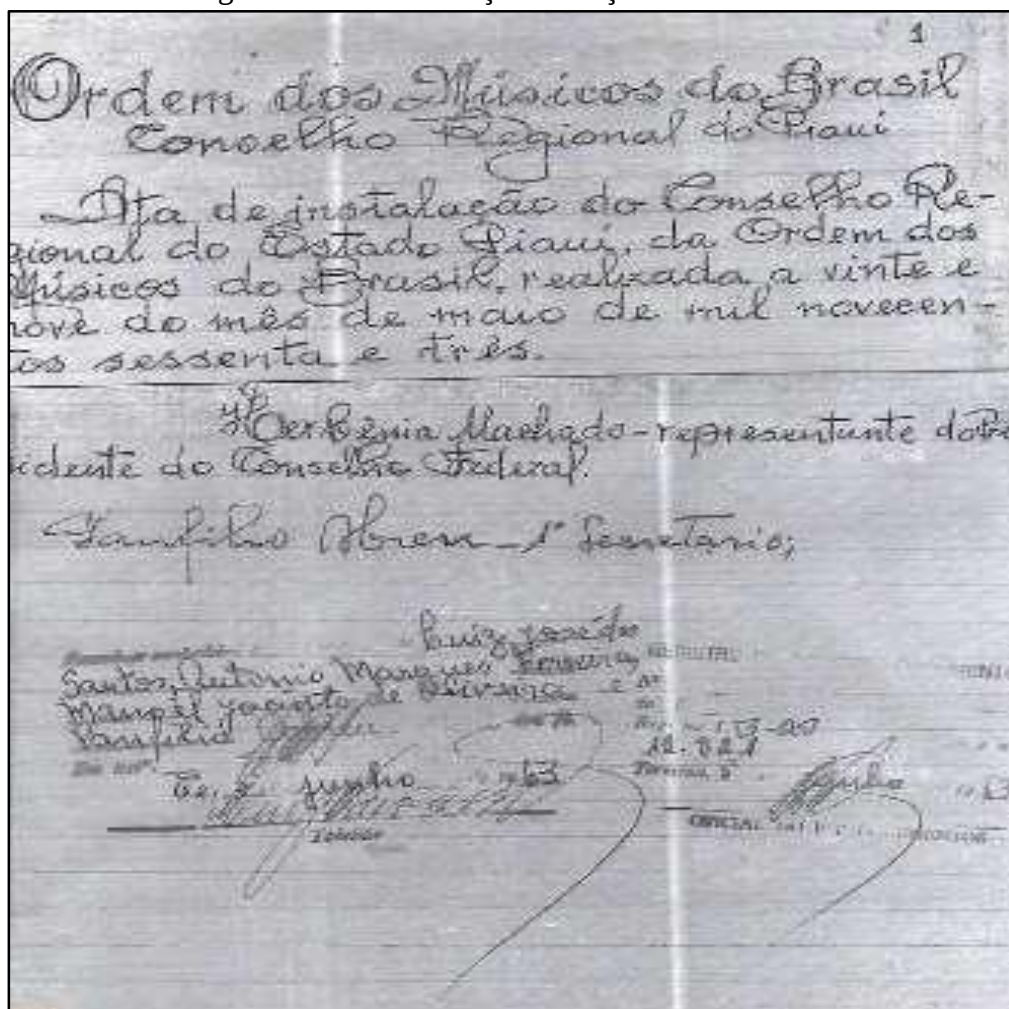


Fonte: Acervo particular do autor (2024).

O maestro foi um personagem estratégico na consolidação da classe dos músicos profissionais na sociedade piauiense, foi o fundador e primeiro presidente da ordem dos músicos do Brasil – Secção Piauí, nas cidades de Teresina e Parnaíba, nos anos de 1963 e 1965, respectivamente. O professor Luiz Santos sempre se empenhou em participar ativamente dos encontros nacionais de Educação Musical, onde colaborou na elaboração de relatórios em grupos de estudos com educadores musicais de vários outros estados brasileiros. Ele representa um educador inserido em um ambiente musical prioritariamente prático e seu trabalho ilustra muito bem a importância das bandas de música no Piauí como o veículo de Educação Musical (Ferreira Filho, 2019, p. 176).

A instauração da Ordem dos Músicos do Piauí foi de relevante importância para o segmento tendo em vista que agregou valor e regulamentação aos músicos do Estado. A Lei Federal 3.857/1960 criou a Ordem dos Músicos do Brasil e dispôs sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico cabendo, também, outras providências. O estabelecimento de um Conselho Federal em prol dos músicos tirou essa classe da clandestinidade, viabilizando a profissionalização por meio da música. No Piauí data de 29 de maio de 1963 a criação do Conselho Regional dos Músicos, sob a presidência do maestro Luiz Santos.

Figura 13 - Ata de criação da Seção no Piauí da OMB



Fonte: acervo OMBPI

Tudo que Luiz Santos é deve a música, é Tenente-Coronel da Polícia Militar do Piauí porque é músico. É professor da Escola Técnica Federal do Piauí porque é músico. É cidadão de Nossa Senhora dos Remédios porque se tornou músico (Santos, 1992, p. 23).

Em trecho do livro Luiz Santos (1992) destaca a magnitude da música para sua vida, a questão abordada reflete a integração da música em todos os campos da sua vivência, tornando

quem ele quis ser, é a sua definição enquanto sujeito. Destacadamente para que uma identificação ocorra é preciso compreender o quanto o fazer histórico segue um ciclo de composição da própria identidade, utilizando da memória como condicionante, ou com diz Nora (1993, p. 13) “sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos”.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

Os outros nos reconhecem pela referência social que deixamos, Pollak (1992) afirma que essa autoimagem que construímos é uma caracterização criada por nós mesmos e pelos outros, revisitando Nora (1993), é o pertencimento de estar em um coletivo e ser reconhecido por seu valor.

Foram diversas as atividades realizadas por Luiz Santos destaque que o ensino musical através das bandas atuando como professor, regente, fundador de bandas ou coordenando projetos da área foram as mais relevantes e que deram visibilidade para o maestro, confirmando o que Pollak (1992) descreve como autoimagem, dessa forma, Luiz Santos foi reconhecido em seu meio social.

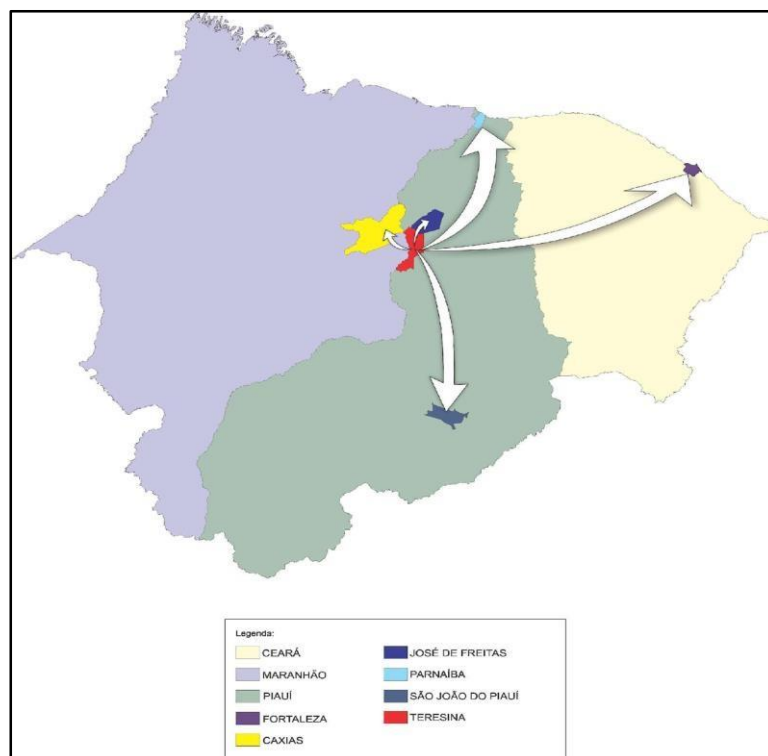
Luiz Santos criou seu nome por meio da música, no estado do Piauí, suas ações abarcam desde a composição de músicas à seção educacional como professor. Vindo de origem humilde desenhou sua carreira no meio musical, carregando consigo a imagem de maestro e professor, nesse âmbito o maestro se fez reconhecido, se tornou memória, ligou interesses musicais em diversas cidades do Piauí, se tornou parte de uma história contada por seu mérito profissional de ser músico, professor, compositor e pai. É por meio do conceito de Nora (1992) “sinais de reconhecimento” que Luiz Santos é pesquisado e homenageado.

Neste tópico abordaremos as bandas e cidades que passou, ou seja, a sua trajetória, sua viagem de construção enquanto maestro Luiz Santos, que é o percurso memorialístico deixado, sua ferramenta de trabalho e de identidade.

Nas Bandas de cá, pelas bandas de lá ilustra o desprendimento do maestro na persecução da qualidade bandística nas cidades em que percorreu, o resultado seja ele enquanto divertimento para os populares, ou com a intenção de propagar a técnica musical entre músicos colaborou para a sua notabilidade em todo o estado do Piauí. Abaixo, na figura 14, está ilustrado o percurso traçado em diversos municípios ao longo dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará.

Em tempo, essa trajetória é, também, reflexo da busca de conhecimento.

Figura 14: Mapa itinerário de Luiz Santos



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

2.2.1 A banda da PMPI

Em 30 de abril de 1946 Luiz Santos entrou para a Polícia Militar do Piauí, por possuir experiência na Banda do Vigésimo Quinto Batalhão, quando pertencia aos quadros do exército, assim, foi encaminhado para a Banda de Música da PMPI, atuando como mestre-regente da Banda PMPI na década de 60 do séc. XX. Sobre a Banda da PMPI, Rocha Sousa (2014, p. 91) destaca que:

Passou a servir na banda como músico trompetista, e ali fez carreira de soldado-músico ao posto de Capitão Maestro, intercalando todas graduações, indo para a reserva remunerada (aposentadoria do militar), com o posto de Tenente Coronel.

Dessa forma, “em julho de 1962, o Maestro Luiz Santos, assumiu a batuta da Banda de Música da Polícia Militar do Piauí como 2º Tenente. Antes fizera seus estudos de regência e harmonia no Conservatório Alberto Nepomuceno, em Fortaleza – Ceará” (Rocha Sousa, 2014, p. 92). O estudo no conservatório foi importante na medida que, além de proporcionar a

graduação na PMPI permitiu o desenvolvimento de melhor conhecimento técnico musical, aplicando a prática nas bandas em que foi regente.

O maestro capitão Antônio Carlos Rocha Sousa em sua obra de pesquisa *Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Piauí – “História, Acervo e Memória, de 1875 a 2013*, comenta sobre a jazz-band da PM-PI:

Na década de 20, marcada pelo fim da primeira guerra mundial, o Brasil passa por uma nova efervescência cultural, sobretudo sob a influência norte-americana. Neste período, chegam ao Brasil três veículos muito importantes na difusão da informação e da música, em especial: o Rádio, em 1922; a gravação eletromagnética, em 1927; e o cinema falado, em 1929. Essa foi a base que iria moldar um importante período da nossa comunicação de massa, até o fortalecimento da TV, na década de 60. A influência da cultura norte-americana popularizou no Brasil a partir dos anos 30 o uso da formação jazz-band como um grupo específico em que as bandas de música eram caracterizadas com repertório para ritmos dançantes e animados. Nessas formações era comum a inclusão de instrumentos de corda como o banjo e o contrabaixo acústico (Rocha Sousa, 2014, p. 73).

Por influência do estilo musical americano, o jazz⁵, que ascendeu por volta de 1922, e no que destaca sua estruturação compreendemos que é um gênero agregador, pois é fruto de uma mistura cultural, trata-se, portanto:

Das contribuições dos africanos que vieram trabalhar nas *plantations* das Américas, o ritmo seria a principal delas. A cadência, própria da música sincopada, também conhecida como *swing* ou de Nova Orleans ao Brasil: o jazz no balanceio rítmico, é característica do jazz e dos estilos sonoros que reportam à matriz africana. Já os traços principais da música europeia encontrados no jazz são a harmonia, os instrumentos e a técnica (Domingues, 2020, p. 12).

Ainda segundo Domingues (2020, p.173):

Foi do amálgama de estilos sonoros, do ragtime e do blues, acrescido da antiga tradição de brass bands (bandas musicais que seguiam em carroças e animavam de casamentos a funerais), que surgiu o jazz. Não há consenso de quando isso ocorreu exatamente [...] Podemos, então, adotar a primeira década do século XX como a de nascimento e/ou consolidação do jazz; e o período de 1900 a 1920 como o de sua consagração como gênero específico nos Estados Unidos, sem falar de sua divulgação em outros países.

Dessa forma, o jazz foi um dos estilos adotados pelo maestro Luiz Santos, o qual explorou em passagem por diversas bandas. A banda da PMPI foi formada após o retorno

⁵ Estilo musical norte americano, influenciado pela cultura afro-ocidental e europeia (Stearns, 1956)

de Luiz Santos da cidade de José de Freitas, o qual já havia formado uma banda de jazz, o intuito da banda da PMPI seria a aproximação com a sociedade, uma banda para apresentações nos clubes e praças (Santos, 1992) que proporcionasse à comunidade eventos sociais diversos para além dos eventos cívicos.

Figura 15: Grupo de Jazz da polícia militar em 1940



Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2024.

Neste sentido, existem vários registros de gravação em que a banda da PM assumiu esta composição em seu cotidiano, principalmente na formação sob o comando do músico e mestre Sebastião Simplício. O maestro Antônio Carlos Rocha Sousa apresenta em sua obra de pesquisa o depoimento do ex-comandante geral Geraldo de Sousa Cândia, que coordenou uma ampla pesquisa sobre a história da banda de música da Polícia Militar do Piauí intitulada *Banda de música e sua História*, relativo ao jazz band da PMPI:

Em 1962, a banda de música perde seu grande maestro, o capitão Sebastião Simplício, que se transferiu para a reserva remunerada, com os proventos de tenente – coronel. Mesmo na reserva, o grande maestro Sebastião Simplício continuou à frente do famoso jazz band, um conjunto musical composto de 16 figuras, admirado e preferido pela sociedade teresinense. O jazz band era mantido pela banda da polícia militar e com ela fazia sucesso junto a toda comunidade piauiense. Mais tarde, acometido de uma congestão cerebral, o Ten. Cel. Sebastião Simplício deixou, para a tristeza de seus amigos e admiradores, definitivamente as suas atividades artísticas, vindo a falecer logo depois. Porém, ainda hoje em toda a polícia militar e em Teresina, o seu nome é lembrado como um dos maiores músicos do Piauí (Rocha Sousa, 2014, p. 75).

Ainda na Banda de Música da PMPI, Luiz Santos, compôs diversas músicas, o maestro se destacou como artista, militar e educador na cena piauiense. A tabela 2 apresenta uma lista

de músicas de sua autoria que foram dedicadas à banda da PMPI. Os hinos, dobrados e o baião são registros expressivos de um conteúdo histórico criado por Luiz Santos.

Tabela 2 : Obras Autorais para a banda de Música da PM

Ordem	Obra	Gênero Musical
01	<i>Hino de Amarante</i>	<i>Hino Cívico</i>
02	<i>Hino do River Atletico Clube</i>	<i>Hino Esportivo</i>
03	<i>Canção da CCS</i>	<i>Canção Militar</i>
04	<i>Canção do 1ºBPM da PMPI</i>	<i>Canção Militar</i>
05	<i>Capitão Aquino</i>	<i>Dobrado</i>
06	<i>Coronel José Ribeiro</i>	<i>Dobrado</i>
07	<i>Coronel Kleber</i>	<i>Dobrado</i>
08	<i>Tenente Sebastião Simplicio</i>	<i>Dobrado</i>
09	<i>Baião da Saudade</i>	<i>Baião</i>

Fonte: Rocha Sousa (2014)

2.2.2 Os “MILIONÁRIOS” da música

Dentro da vida musical, ainda que no universo militar, Luiz Santos mais que flertava com a música popular civil. Tocava em festas da capital e do interior. Com suas performances musicais, participou de diversos grupos, de instrumental a bandas de baile. A dança de salão já era uma realidade nas festas da sociedade teresinense, bem como o incremento dos instrumentos musicais e a amplificação elétrica que chegava com força em Teresina e propiciava festas mais grandiosas. Assim, o grupo musical “Os Milionários” trouxe para a sociedade da capital e do estado uma reunião de músicos, em sua maioria componentes da banda da PMPI, uma formação que trabalhava ritmos variados e composições próprias, chegando inclusive a gravar um *long-play* (LP). Fato que, não era uma atividade tão acessível naquele tempo, além de caro, em Teresina, não havia muitos estúdios de gravação. Sobre o grupo, Rocha Sousa (2014, p. 76) explicita que:

Buscando adequar-se aos novos tempos, em 1963 a PMPI cria o conjunto musical ‘Os milionários’. A organização do novo conjunto ficou a cargo do maestro Luiz Santos, que para isso contava com o apoio integral do comandante da corporação, o então coronel Torres de Melo. O nome do grupo ‘Os milionários’ é uma homenagem ao compositor José Bispo, integrante da banda da PMPI, e autor da música ‘O milionário’, um dos sucessos do conjunto. O grupo logo se tornou muito popular nos estados do Piauí, Ceará e Maranhão, e o governo do Piauí, de tão grande entusiasmo através do comandante da PMPI, contratou de Fortaleza- CE a gravadora Organcine, que,

ao chegar em Teresina, instalou-se nos estúdios da rádio Pioneira e gravou com o grupo “Os milionários” todo o material para um long-play (LP) do mesmo (Rocha Sousa, 2014, p.76).

A gravação do LP teve prensagem na RCA Victor, de São Paulo, e dentre as canções estavam:

Tabela 3: Músicas do LP

Música	Compositor
Baião da saudade	Luiz Santos
Simplício e seu clarinete	Luiz Santos
O Milionário	José Bispo
Linda	Bruno do Carmo
Olha a bossa	Simplício
Mambo do Piauí	Simplício

Fonte: elaborado pelo autor, 2024

O grupo “Os Milionários” existiu entre os anos de 1963 a 1970 era composto por: Simplício Cunha (saxofone e clarinete), Edilson Setúbal (piano solovox), Artur Pedreira (bateria), Lourival Marques (baixo), Bruno do Carmo (guitarra), Gabriel Oliveira (percussão) e João de Deus (cantor)

Figura 16: Os Milionários, 1963



Fonte: Acervo familiar do mestre Artur Pedreira (2023)

A banda “Os Milionários” foi criada no universo militar para apresentar à população um viés moderado da Polícia Militar, a ideia de um grupo musical moderno possibilitaria novos arranjos na sociedade, contribuindo para reforçar a confiança e simpatia, dessa forma, a ideia de Luiz Santos era “que a banda de música voltasse a fazer retretas na Praça Pedro II, centro de confluência social” (Santos, 1992, p. 15). Ao maestro Luiz Santos coube a estruturação da banda, tinha apoio do comandante da corporação, o coronel Torres de Melo. Formada a banda, o sucesso alcançado foi notório ao longo dos estados do Piauí, Maranhão e Ceará.

Ao final da banda “Os Milionários”, Luiz Santos iniciava um novo projeto envolvendo a Escola Técnica Federal do Piauí, e a oportunidade de criar uma banda escolar, dessa maneira em 1970 foi admitido na ETFPI, iniciando uma nova fase na sua carreira como educador musical.

2.2.3 Banda da ETFPI

O Instituto Federal do Piauí é uma instituição educacional que trabalha com a educação superior, básica e profissional, abrangendo várias áreas do conhecimento, com excelência do ensino e corpo docente qualificado, “é especializada na oferta de educação profissional e tecnológica, em diferentes níveis e modalidades de ensino” (PDI 2020-2024).

Diante do contexto apresentado, o Instituto Federal do Piauí foi criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que constituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, originando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. De acordo com o Programa de Desenvolvimento Interno – PDI 2020-2024 (2020), a missão do IFPI é “promover uma educação de excelência, direcionada às demandas sociais”.

A ideia da educação com o fito social reporta-se à fundação do IFPI em 1909, ainda com o nome de Escola de Aprendizes Artífices do Piauí, criada pelo Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, durante o governo de Nilo Peçanha, no qual “cria nas capitais dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito” (BRASIL, 1909), ponderando que a ampliação populacional nas cidades compelia novas exigências às classe proletárias na luta por melhores condições sociais.

Dessa forma, em relação à origem dos Institutos, no início do século XX, que ocorreu através da representação do Decreto nº 7.566/1909, simbolizando as medidas do Governo Federal para incorporar no mercado de trabalho os jovens desafortunados, estimulando ao serviço técnico e intelectual para seu encaixe como cidadão útil à Nação (Brasil, 1909), é descrito, ainda, como educação de base para formação de operários e versa nas considerações

do Decreto nº 7.566/1909:

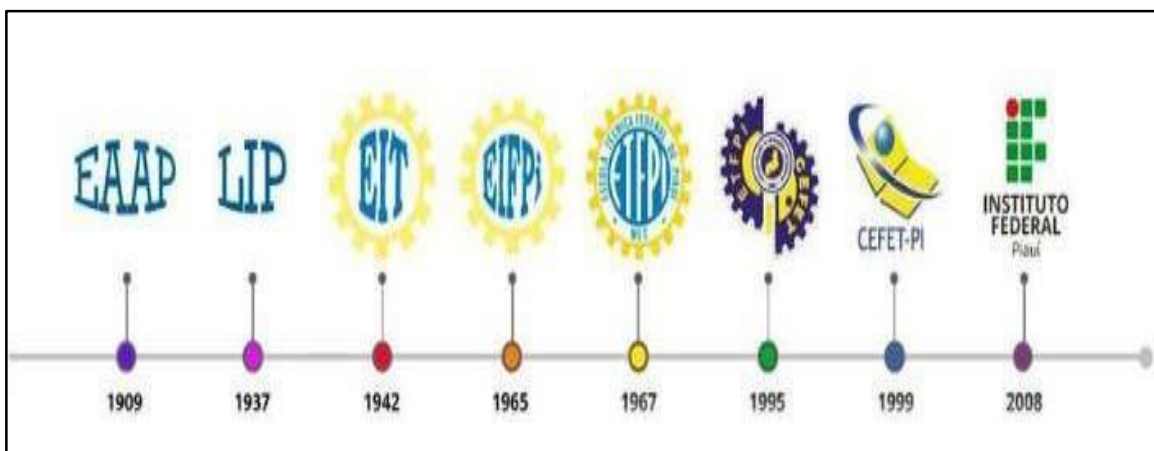
Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite as classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência;

Que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime;

Que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à Nação (Brasil, 1909).

A figura 17 apresenta a linha do tempo do IFPI, sua fundação em 1909 como Escola de Aprendizes e Artífices, passando em 1967 para Escola Técnica Federal do Piauí e, finalmente, IFPI. Em 20 de agosto de 1965, através da Lei nº 4.759, inicia um novo ciclo, o nome e o status da Instituição sofrem novas mudanças, passando a chamar-se Escola Industrial Federal do Piauí. A criação e o reconhecimento dos cursos técnicos permitiram que o Ministério da Educação promovesse a Escola Industrial Federal à Escola Técnica Federal do Piauí - ETFPI, em 1967 (PDI 2019-2020).

Figura 17: Linha do tempo institucional IFPI



Fonte: IFPI (2020)

A marca da ETFPI significou a ampliação da estrutura física e de ensino, houve a profissionalização do ensino no nível de 1º e 2º graus, e, em decorrência da nova Lei de ensino de 1971, novas habilitações para cursos foram agregadas para além dos já renomados cursos industriais, portanto, foram ofertados, também, cursos da área de serviços, tornando a marca profissionalizante da Escola Técnica. (RODRIGUES *et al.*, 2002).

A história do maestro Luiz Santos na ETFPI iniciou em 1970, quando foi admitido como professor de Educação Artística. Nesse momento, o maestro consolida seu nome no cenário musical, a formação da banda da Escola Técnica remete a sua possibilidade em contribuir permanentemente para a educação musical. Em novembro de 2023 o IFPI comemorou os 53 anos de Banda de Música do IFPI.

Em 22 de novembro de 1970, foi criada a Banda de Música e fanfarra da então Escola Técnica Federal do Piauí, inicialmente com 21 componentes, fazendo sua primeira apresentação pública em fevereiro de 1971, sob a regência do professor e Tenente-Coronel Luiz José dos Santos, o seu primeiro maestro, que comandou garbosamente nossa querida Banda de Música por mais de 20 anos (Rego; Rodrigues, 2009, p. 92).

Figura 18: Folder comemorativo aos 53 anos da Banda de Música IFPI



Fonte: IFPI (2023)⁶

⁶ Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/noticias/banda-de-musica-do-ifpi-comemora-53-anos-com-evento-no-campus-teresina-central#:~:text=A%20Banda%20de%20M%C3%BAsica%20do,19h%2C%20no%20Campus%20Teresina%20Central.>

Interessante perceber que a vida de Luiz Santos foi consolidada em meio militar, as bandas tinham a presença masculina como fator determinante, um condicional que será modificado a partir da Banda da ETFPI. A presença feminina em bandas de música não era um fato comum, mas com a própria evolução social no que diz respeito à presença feminina em diversos segmentos, algumas jovens estudantes despertaram o interesse pela música na banda, onde além de uma atividade cultural, viam na banda e no aprendizado musical uma possível porta para o mercado de trabalho.

A inserção das mulheres na própria Instituição ocorreu na década de 1960, segundo Bioni e Schambeck (2023, p. 02) “as bandas de música são tradicionalmente conduzidas por homens, tendo na sua maioria também uma participação instrumental majoritariamente masculina, principalmente na execução de determinados instrumentos”, uma influência da cultura militar na apropriação das bandas, Kandler (2011).

As formas ativas que as mulheres encontraram para sobreviver no universo colonial revelam que elas estiveram muito pouco acomodadas ou imobilizadas em papéis tradicionais. Ao contrário, sua participação na sociedade contrariou o silêncio e a invisibilidade histórica, termos que sempre foram vistos como válido para se referir à realidade desse grupo (Figueiredo, 2004 apud Oliveira, 2016, p. 29).

Patriarcado musical é a denominação descrita por Green (2001) para discutir o distanciamento público da mulher nas bandas, embora, pudessem aprender sobre música, esta era ligada a dotes feminilizados para um dom enquanto mulher, no restrito da vida doméstica. A inserção das mulheres na arte musical proporciona uma leitura moderna sobre as questões de participação da mulher na vida pública.

Algumas das alunas que participaram da banda não fizeram disso profissão, mas outras sim, tornaram-se professoras e instrumentistas brilhantes, Maria Irisneide Chaves de Araújo é ex-aluna da ETFPI e ex-componente da banda, é atualmente trompetista da banda 16 de Agosto, da prefeitura municipal de Teresina e professora da escola estadual de música Possidônio Queiroz em seu depoimento oral afirma:

Naquela época não havia muitas mulheres que participavam da banda, e as que tinham eram mais em instrumentos de percussão e nas palhetas, como a clarineta. Eu me interessei pelos metais, em especial o trompete. Mesmo com as dificuldades da vida, me dedicava ao instrumento e sentia um certo preconceito dos meninos que achavam que essa categoria de instrumento era para homens. Lembro que teve até um dos componentes que me perguntou se eu queria ser homem (Araújo, 2023, p. 8).

Na própria Escola Técnica houve presença considerável de mulheres na banda, sobretudo em instrumentos de percussão. Contudo, algumas se destacavam em instrumentos de sopro, Iara Marques é professora recém aposentada do atual IFPI, que ingressou como estudante na então ETFPI e se tornou clarinetista, cursou Educação Artística com habilitação em música na Universidade Federal do Piauí – UFPI, em 1990. A professora traz narrativa de uma das primeiras mulheres a ingressar como componente na banda, e a exemplo de alguns, fez carreira na instituição:

Conheci o professor Luiz Santos por volta de 1977, quando fui cursar o então segundo grau, hoje ensino médio na ETFPI. Lá ele era professor de Educação Artística da instituição. No início de cada período era feita uma ambientação para todos os alunos iniciantes, este processo consistia no reconhecimento das dependências dos departamentos e seus respectivos chefes. A direção geral e todo o corpo docente. Na solenidade houve o hasteamento da bandeira e o maestro Luiz Santos regeu a banda. Depois ele passou nas salas para convidar os interessados. Ele não mencionou participação feminina, a não ser como baliza ou porta-estandarte. Ainda que eu não tivesse aptidão física, fiz a minha inscrição mesmo assim (Marques, 2023, p. 6).

Sob a regência de Luiz Santos a Banda de Música da ETFPI ganhou destaque tal qual a banda de Música da PMPI segue que:

Como maestro da Escola Técnica Federal do Piauí, foi escolhido para acompanhar a Banda 16 de Agosto da prefeitura municipal de Teresina, no 1 Fest-Banda, da rede Globo, no Rio de Janeiro. Lá recebeu dois prêmios em instrumentos musicais, pela classificação na primeira fase do festival. Obteve, enfim, o sétimo lugar na colocação final, entre as 21 bandas de música brasileira que participaram do evento (Santos, 1992, p. 19).

O percurso do maestro Luiz Santos declina para a habilidade para administrar, pois em sua passagem pela ETFPI promoveu diversos eventos culturais, da mesma forma que viabilizou a criação de bandas juvenis. De outra maneira, o canto orfeônico já era realidade na instituição como bem afirma o maestro Eraldo Lopes dos Santos⁷, ex-aluno da primeira turma e atual professor-regente da banda de música do Instituto Federal do Piauí:

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em outubro de 2023, na cidade de Teresina.

Naquele tempo, já possuíamos um coral na escola através da disciplina canto orfeônico, com as professoras Clóris e Clotilde, então, já tínhamos um contato com a música. Para a nossa surpresa, começamos a perceber uns ensaios diferentes em uma sala mais afastada, perto da odontologia da escola. Foi então que fomos averiguar e vimos uns jovens aprendendo a tocar uns instrumentos com o prof. Luiz Santos (Lopes, 2023, p. 3).

Nas primeiras turmas, a banda não possuía muitos instrumentos. Os alunos faziam uma espécie de fila esperando a sua vez. Inicialmente, os alunos trabalhavam a teoria, contudo, já aliada a prática de solfejo com o intuito do aprendizado da leitura musical. A exemplo de muitas atividades culturais em escolas, a banda foi ganhando notoriedade na Instituição e fora dela, com apresentações em diversos eventos sociais. Assim, Luiz Santos começou a mobilizar seu ritmo e metodologia, apresentando novidades em relação ao ensino local, visto que tivera oportunidade ainda não tão comuns para a época, como estudar em um conservatório, no caso havia estudado em Fortaleza como relata Eraldo Lopes em seu depoimento:

Nós não tínhamos acesso ainda a novas metodologias e no nosso caso, somente os conhecimentos do coral. Nisso chega o maestro com conteúdos mais ricos e apesar de não saber direito à época sobre sua metodologia, mas era algo que conseguíamos fazer e tocar. O maestro, por ser militar, passava uma postura rígida, com noções de ordem unida e marcialidade, típicas do universo militar. Quando a gente errava, o maestro chamava a atenção com rigidez não importava onde estivéssemos (Lopes, 2023, p. 3).

A banda foi então incorporada às atividades culturais e requisitadas em diversas apresentações, sobretudo do universo cívico, como desfile Sete de Setembro, com fardamento diferenciado para a época utilizando quepes com penachos, fazia sucesso entre os jovens por sua cadência e imponência típicas das bandas militares. Luiz Santos trouxe para o universo estudantil além da música, o universo de organização militar. A valorização do civismo aliado a um repertório de dobrados e os momentos de desfiles, possibilitou que as bandas juvenis atuassem como uma espécie de estágio para que muitos jovens despertassem para o mundo militar.

Luiz Santos, muitas vezes, foi um mediador nesse processo, visto que já havia pertencido tanto ao exército quanto à Polícia Militar. Assim, compreendemos que o professor tem sua função social. Mellouke e Gauthier (2004, p. 549) fazem um jogo de palavras para descrever os professores e citam, por exemplo, “ser de cultura e de eloquência, transmissor de conhecimentos, operário do pensamento, técnico do saber prático, engenheiro do pensamento, agente de inculcação ideológica”. Isso permite que lhe sejam peculiares as competências que

proporcionem o melhor gerenciamento da aprendizagem dos alunos. Assim, sobre o maestro e sua postura, Eraldo Lopes relata:

Nós já sabíamos que ele era militar reformado. Apesar disso não o chamávamos de capitão ou Coronel. Ele mesmo preferia professor, mas trazia sempre consigo os preceitos de moral e do coleguismo entre os componentes. Era muito comum nessa época quando errávamos ou ocorria uma indisciplina, muitas vezes típicas da idade, os mais velhos darem a chamada “lição de moral”, uma conversa em público ou individualmente, dependendo do caso (Lopes, 2023, p. 4).

A metodologia didática do maestro Luiz Santos era peculiar como afirma em entrevista Eraldo Lopes, embora já estivesse no meio civil a postura militar era constante, em suas aulas comportamento deveria ser bastante disciplinador, Luiz Santos usou a didática que para ele era mais confiável e lhe dava o resultado pretendido, o aprender fazendo, atividades em grupo e individual dando responsabilidades aos alunos e fazendo-os parte do contexto como também os inserindo em um trabalho de formação (Lopes, 2023)

Figura 19: Luiz Santos discursa para alunos na ETFPI, 1981



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Emanuel Nunes em seu artigo *Clóris Oliveira e Luiz Santos: O pioneirismo das práticas de ensino musical no Instituto Federal do Piauí – IFPI*, aborda em suas considerações finais que:

Luiz Santos notabilizou-se com o ensino de banda de música, enfatizando a formação de instrumentistas. Seguiu fortemente uma conduta influenciada pela sua formação militar, convivendo com a sua dificuldade de acesso ao material didático. Responsável por gerações de instrumentistas, tem sua grande contribuição com o projeto social de bandas, ainda hoje com reflexos sociais na cidade de Teresina. Nos últimos anos tem-se notado um crescente interesse em seu trabalho com a produção recente de alguns trabalhos acadêmicos, havendo ainda um grande campo a ser explorado (Nunes, 2015, p. 08).

Neste processo de formação musical e sobretudo na banda social, muitos foram os músicos que passaram pela instituição ETFPI e seguiram carreira. Ferreira Filho (2009) aborda em sua dissertação de mestrado *História e Memória da Educação Musical no Piauí: das Primeiras Iniciativas à Universidade* destaca que:

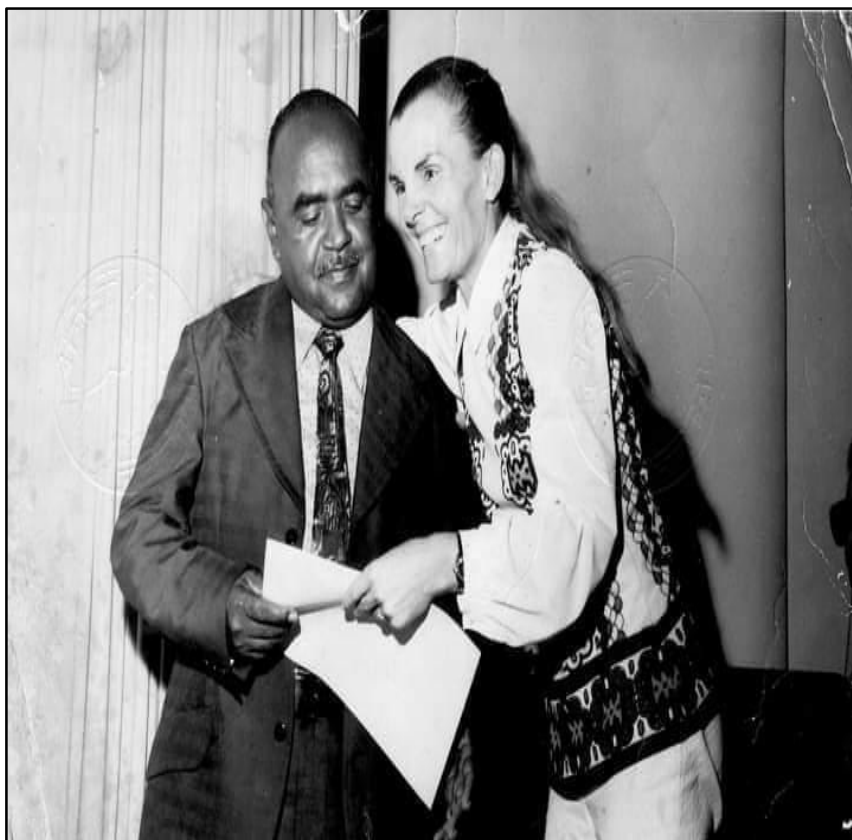
Na década de 1970, o professor fundou e passou a reger outra banda de grande importância para a História da música no Piauí, a banda de música da Escola Técnica Federal – atual CEFET – instituição onde também deu início ao mais intenso movimento de ensino de instrumento de bandas no Piauí, e que ainda em nossos dias fornece formação musical para a população piauiense (Ferreira Filho, 2009, p. 123).

Assim, nos termos expostos, a atuação do maestro foi verificada importante sobretudo na formação e no surgimento de uma mão de obra até então não frequente no mercado. A Escola Técnica Federal por si só já era um local de oportunidade para muitos jovens não somente de Teresina, mas de vários municípios da região que para a capital se dirigiam com a finalidade de obter uma qualificação para o trabalho e a banda se tornou um caminho, Antônio Luiz Soares Santos, ex-aluno do maestro descreve:

Eu havia sido reprovado na EPCAR para ser da Aeronáutica por conta de sofrer de rinite e sinusite que alteram o ouvido central e o labirinto. Aí fui fazer o ensino médio na Escola Técnica Federal do Piauí, no curso de eletrônica. Foi então aí que acho que me salvei em termo de vida, porque no curso de eletrônica eu vi que lá tinha uma banda de música e o maestro coronel Luiz Santos era o líder da banda. Fui então ver como funcionava e terminei entrando, passando então a aprender com ele o trompete. Devido ao meu foco, com pouco tempo já estava tocando em festas como carnaval e bailes. Assim toquei muito até passar para a faculdade (Santos, 2023, p. 20).

Durante o período de regência da Banda da ETFPI, Luiz Santos conseguiu além de criar o grupo musical, incrementar a estrutura à medida em que a banda crescia. Firmou parcerias na compra de instrumentos e continuou a viajar fazendo os chamados à época cursos rápidos, alternando entre Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Esses cursos além de reciclagem, traziam novos componentes musicais, assim o maestro os incorporava ao grupo.

Figura 20: Ao concluir curso de formação em artes, Santos recebe certificado em São Paulo



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Devido ao seu caráter marcial aplicado e a execução de dobrados tipicamente militares, a banda da ETFPI bastante presente sobretudo nos desfiles de Sete de Setembro. Os desfiles cívicos da semana da pátria eram realizados na avenida Frei Serafim e o prédio da escola ocupava então uma posição estratégica em relação à parada e, assim sendo, a banda já partia em desfile para o evento.

Figura 21: Banda de música da ETFPI faz o contorno para o ingresso na avenida Frei Serafim, 1982

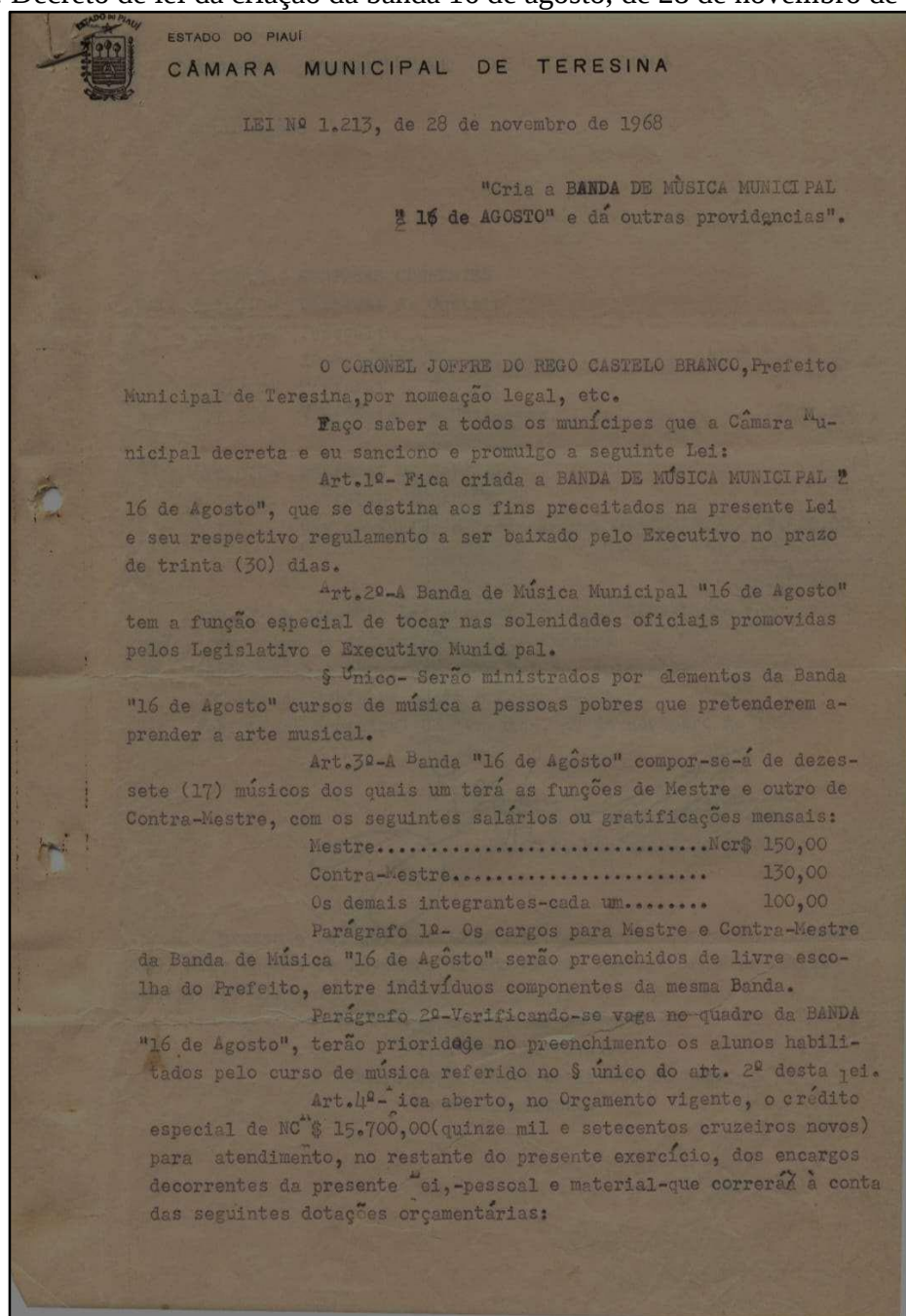


Fonte: Acervo Banda da ETFPI.

2.2.4 Banda 16 de Agosto

Concomitante a sua vivência na ETFPI, Luiz Santos recebeu convite para assumir a banda que também traria repercussão positiva ao seu trabalho. O município de Teresina já possuía uma banda oficial, recebendo a denominação de Banda 16 de Agosto. Em verdade, a Instituição já havia sido criada por lei municipal publicada em 28 de novembro de 1968, sob a gestão do então prefeito municipal Jofre do Rego Castello Branco, tendo o maestro Luiz Santos já participado do processo como consultor, porém não assumiu a banda uma vez que ainda se encontrava nas fileiras da Polícia Militar. A banda estava vinculada ao gabinete do prefeito, portanto, nos eventos cívicos e sociais era presença confirmada.

Figura 22: Decreto de lei da criação da banda 16 de agosto, de 28 de novembro de 1968



Fonte: Acervo da Banda 16 de Agosto.

A sua entrada na prefeitura ocorreu simultaneamente à permanência na ETFPI. Logo, recebeu o desafio de conduzir a banda a participar de um concurso idealizado pela Fundação Nacional de Artes - FUNARTE, com representantes de todos os estados brasileiros. O evento foi dividido em fases, com a banda local seguindo até a semifinal, quando concorreu com a banda 25 de Março, de Feira de Santana – Bahia. As sete primeiras colocadas foram convidadas a participar do programa “Concertos Para a Juventude” promovido pela rede Globo de Televisão, além de receber como premiação alguns instrumentos musicais.

Figura 23: Luiz Santos rege a banda 16 de agosto na rede globo de televisão no programa concertos para a juventude



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Em seu depoimento oral, o maestro da orquestra sinfônica de Teresina, Aurélio Melo relembra:

Nesse tempo eu era da banda 16 de agosto e fomos para o Rio de Janeiro. Lá iríamos apresentar o dobrado “Honra aos trombones”. Entre os componentes da banda havia alguns militares e ex- militares, sendo perfeitamente natural que estes ocupassem posição de destaque. Mas, para a surpresa deles, eu tive o mérito de entender a regência do maestro, sendo convocado para fazer o solo de destaque na peça. Isto é claro gerou algum desconforto entre outros músicos mais experientes, porém, o maestro se manteve firme em sua posição uma vez que percebeu dentre os músicos, eu tinha captado não somente o solo, mas a condução da peça por ele regida (Melo, 2023, p. 22).

Gislene Danielle de Carvalho em sua dissertação de mestrado intitulada *Concertos pelo Sertão: viagens, formação e Mediação Cultural do Maestro Aurélio Melo* (2023) traz uma abordagem a respeito das experiências de Aurélio dentro da banda 16 de agosto e destaca sobre a ida ao Rio de Janeiro:

No ano de 1977, a Banda 16 de agosto levou o nome do Piauí para além das fronteiras do estado, tendo destaque no Concurso Nacional de Bandas de Música no Rio de Janeiro (RJ), organizado pela Rede Globo em parceria com a Fundação Nacional de Artes – FUNARTE (SOUSA, 2009). O Mediador participou como solista da peça Honra aos Trombones. [...] O jovem Aurélio Melo vivenciava o primeiro momento de sua formação musical como trombonista [relacionado com a apresentação para o grande público] (Carvalho, 2020, p.29).

Luiz Santos percorreu o tempo e o espaço com sua cartilha para a educação musical, o tempo o conduziu para a memória, pois como cita Nora (1993, p. 09) “é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento (...)”, o tempo do quartel, o tempo das bandas, o tempo das viagens, o tempo de ser o mestre no espaço em que buscou ser reconhecido.

As andanças significaram a possibilidade de acesso ao conhecimento musical, à interiorização e expansão da música não apenas como divertimento, mas como conhecimento, um processo de mobilização, que envolve diversos componentes integrados para a unificação do entendimento e das técnicas musicais.

3 MÚSICA: ANDANÇAS DE CIDADE EM CIDADE

A música conduzia Luiz Santos, fez morada no interior com a função de criar e desenvolver bandas musicais, a passagem por Caxias, interior do Maranhão, por José de Freitas e Nossa Senhora dos Remédios, cidades piauienses.

Em Caxias – MA, desembarcou em meados da década de 1970 a convite do então prefeito municipal Aluísio Lobão para fundar a escola Santa Cecília, criando a banda e o coral, os instrumentos foram doados pela Fundação Nacional de Artes. Foram feitas apresentações na capital, São Luiz, no teatro Artur Azevedo. Desenvolvida a missão, Luiz retorna a Teresina e passa a se dedicar integralmente à banda da ETFPI, de onde só viria a sair com a aposentadoria.

Em 3 de março de 1989, a convite do prefeito Delson Castello Branco, Luiz Santos funda a banda municipal Dosa Fernandes, em Nossa Senhora dos Remédios, Piauí. A banda foi um diferencial devido a carência de projetos culturais no pequeno município e se tornou um símbolo da cidade. Com dois anos de atuação, a banda era a principal atração em eventos e festas do município. Por sua atuação à frente do grupo musical e, principalmente, o reconhecimento das famílias remedienses, a prefeitura concedeu ao maestro o título de cidadão, outorgado pela Câmara Municipal. No livro *Memória Piauiense* (1992) um relato sobre o maestro na cidade:

Na formação da banda de música da cidade, Santos teve o apoio entusiasta do padre Kleber Parente, que colocou o salão paroquial à disposição. Nele deu aula de iniciação musical e prática instrumental. Outro grande incentivador da música foi o Juiz Manoel Dourado, que formou um time de futebol com os alunos atribuindo ao grupo também um caráter esportivo (Luiz Santos, 1992, p. 24).

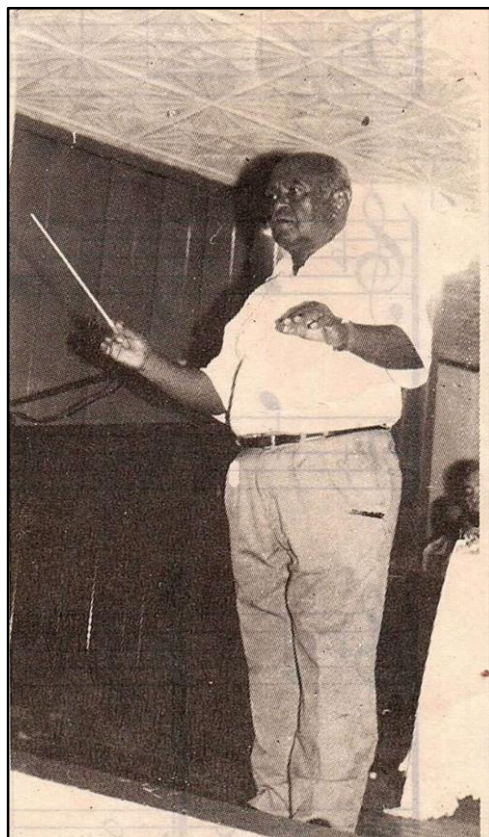
Figura 24: Banda de Nossa Senhora dos Remédios em forma para o desfile em 1992



Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2024.

Como todo grupo musical de destaque, muitos foram os momentos de aparição em eventos da prefeitura do município de Nossa Senhora dos Remédios – PI, chegando inclusive a vir para a capital, Teresina, em eventos de encontro de bandas e ainda uma apresentação especial em homenagem ao maestro Luiz Santos.

Figura 25: Luiz Santos rege a valsa “Daise Vasconcelos” em 1990, em Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Outros passos foram percorridos em José de Freitas, a primeira estadia ocorreu por volta de 1955, enviado pelo Comando da Polícia Militar, à essa época o maestro mexeu estruturalmente no estilo de música tocada pela banda, o jazz fez então parte do repertório, outra ação social importante foi criação do clube voltado para apresentações musicais

A segunda fase em José de Freitas ocorreu no ano de 1992, o prefeito Fernando Freitas convidou o maestro para lecionar música na cidade e então formar uma banda. De início o grupo não possuía um local adequado e definido. Apesar da pouca estrutura a banda iniciou em janeiro de 1993. Em agosto do mesmo ano houve a primeira apresentação, sobre o surgimento da banda e o papel de Luiz Santos neste processo, Chaves (2023) acrescenta:

Luiz Santos era um homem muito humilde, sendo que era aposentado com um salário de coronel da PM e outro de professor da Escola Técnica federal aceitava ganhar um salário muito pouco para viajar semanalmente e formar músicos, mas ainda sim o fez. Com certeza por amor. Na verdade, desde o ano de 92 o prefeito já havia o encontrado em um evento onde o questionara sobre a possibilidade de criar uma banda de música no município. E, assim foi feito. No início havia um misto de músicos veteranos com novatos. Posteriormente nós já possuíamos conhecimentos para então executarmos músicas mais variadas. No início a banda se chamava 'Fé no Povo', nome típico dos artifícios políticos. Depois passou a se chamar. Em 1995, Luiz Santos alegou cansaço e idade e saiu da banda, mas sem antes deixar uma carta onde além de orientações, continha um pedido que não deixasse a banda morrer. Depois passou a se chamar 'Estrela do Norte'. (Chaves, 2023, p. 09).

Figura 26: Banda Fé no Povo se apresenta em José de Freitas, em 1993

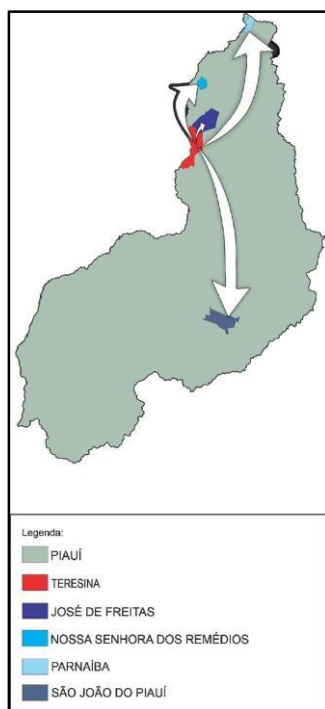


Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Assim, a banda fazia inúmeras apresentações em eventos sociais, culturais e religiosos, como festejos e eventos cívicos em geral. Santos gostava de estar sempre no meio dos músicos, na maioria das vezes tocando junto, Toledo Nascimento (2022) aponta que as bandas civis no século XX tinham a função social e cultural e atuavam nos mais diversificados eventos desde procissões à inaugurações de obras públicas.

Luiz Santos em suas andanças se propôs fazer intervenções nas cidades ao longo do percurso de suas viagens, conhecendo, discutindo e interferindo nas realidades e contextos, é a ação do professor mediador que atua como intelectual que modifica a realidade, contribuindo para a formação e construção de identidades, haja visto, que ao tempo que cria pontos de identidade para um grupo, relaciona a si mesmo como fundamentação de pertencimento.

Figura 27: Segunda passagem de Luiz Santos pelo interior



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

3.1 Música é tudo: o fazer musical do maestro Luiz Santos

Com a conclusão do seu trabalho em José de Freitas, Luiz Santos encerra mais uma vez o ciclo de viagens em atuação pelo interior. Contudo, a atividade musical está no centro de sua vida. Ainda que não estivesse mais em sala de aula, não era raro vê-lo ainda em centros de educação, ministrando palestras ou, ainda, em eventos culturais como o FESTBANDAS.

Em 1987 a Prefeitura de Teresina por meio da Fundação Monsenhor Chaves iniciou um ciclo de Festivais de Bandas, o mesmo é referência para a apresentação de diversas bandas regionais, a Banda da PMPI e a Banda 16 de Agosto eram presenças marcantes no festival, Rocha Sousa (2014) ressalta a importância do FESTBANDAS na manutenção da tradição das bandas de música no estado do Piauí.

Outro evento de destaque foi o chamado Música na Praça, idealizado e organizado pelo Vigésimo Quinto Batalhão de Caçadores - 25º BC, através de seu comandante, à época coronel Loureiro. A festividade se realizava sempre nas manhãs de domingo e contava com a participação das principais bandas da cidade de Teresina e outras convidadas de municípios vizinhos, na edição inaugural houve uma homenagem ao maestro Luiz Santos que ao final regeu todas as bandas em conjunto, não há registro documental da música apresentada por Luiz

Santos, localizamos apenas o repertório de cada banda durante o evento.

Em 14-03-1999 foi realizada em Teresina, na Praça Marechal Floriano Peixoto, às 10 horas, a 8ª edição do Projeto “Música na Praça”, sob a organização do 25º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro. Nessa edição o projeto fez uma homenagem aos Compositores de Marchas e Dobrados da cidade de Teresina. No encontro as Bandas da PMPI, 16 de Agosto e do 25º BC executaram cada uma três dobrados como podemos conferir na transcrição do programa do encontro:

Banda PMPI, Regência: Tenente Atenor Aguiar:

Dobrado Homenagem aos Sargentos, de José Elton Oliveira; Dobrado Coronel Valdilio Falcão, de A. C. Rocha Sousa;

Dobrado 15 de Agosto, de Simplício Cunha.

Banda 16 de Agosto, Regência: João Aguiar:

Dobrado Major Muniz, de João Aguiar Costa;

Dobrado Sargento Rosa, de Alziro Rosa;

Dobrado Velho Monge, de José Rodrigues.

Banda do 25º BC, Regência: Sargento Bruno:

Dobrado Tenente Elizeu, de Francisco Ângelo da

Silva; Dobrado Sargento Ribeiro, de Clésio Batista;

Dobrado Comandante Loureiro, de Otto Bruno (Rocha Sousa, 2014 p. 66).

A figura 28 mostra o momento em que Luiz Santos está à frente da regência das bandas durante o evento Música na Praça, já a figura 29 é referência à homenagem recebida por Luiz Santos durante o mesmo evento.

Figura 28: Luiz Santos rege as bandas convidadas no encerramento do evento



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

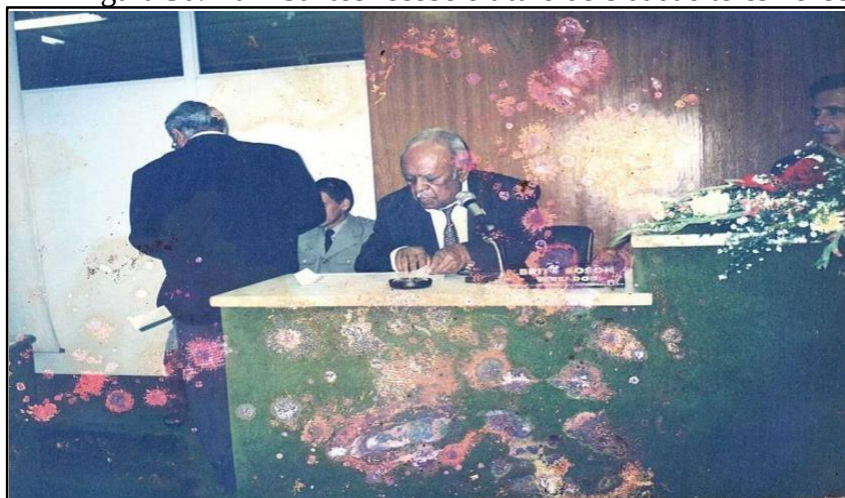
Figura 29: Luiz Santos recebe homenagem do comando do 25 BC



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Ainda antes de encerrar suas atividades musicais e educacionais, o maestro recebeu o título de cidadão teresinense, como reconhecimento por suas atividades na cidade. Um momento marcado pela emoção.

Figura 30: Luiz Santos recebe o título de cidadão teresinense



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Ao entrar nos anos dois mil, Luiz Santos estava com a saúde debilitada, a existência de um glaucoma afastou dos palcos e das bandas, a descoberta do câncer o debilitou ainda mais, e em maio de 2009, Luiz Santos faleceu. Encerra-se, assim, o capítulo final de sua história de contribuição para a educação musical piauiense.

O legado de Luiz Santos engloba não somente a criação e regência de bandas, mas

também o viés poético ao expressar seu movimento musical em seu repertório, seja ele na condução das bandas ou na composição, o *feeling* artístico foi primordial para o sucesso das bandas.

3.2 O repertório e o método do maestro

O repertório de bandas de música costuma ser característico de acordo com os elementos do meio em que se encontra, como também da mentalidade e proposta que o regente tem para o grupo. As bandas de natureza militar possuem a maior parte de seu repertório composto por peças como dobrados e obras marciais. No entanto, a raiz musical brasileira é diversa e, conseqüentemente, influenciou de maneira diversificada as bandas de música, trata-se que:

Em relação à relevância das bandas de música brasileiras, fruto de uma tradição que vem desde os tempos remotos do Brasil colonial, as bandas de música atuaram como celeiro de inúmeros gêneros musicais (entre eles, gêneros populares como a polca, a mazurca, a quadrilha e o maxixe). Tais bandas exerceram um papel de suma importância no processo cultural da sociedade brasileira, criando desta maneira, espaços de sociabilidade. Além disso, as bandas também contribuíram para o aprendizado musical, revelando grandes maestros, compositores e instrumentistas (Costa, 2011, p. 242)

Desse modo, os grupos locais, também, passaram a incorporar novos componentes sonoros. Muitas orquestras de bailes surgiram no interior de bandas. No caso local, Santos optava por um repertório popular inserido no contexto militar, quando ainda atuava no universo da PMPI. Dentro da própria instituição, o grupo Os Milionários tinha a formação que visava algo mais popular e comercial. Sobre a corporação PM o maestro capitão Rocha Sousa afirma:

No contexto em que se encontrava, a banda da PM era a única instituição pública que se apresentava em eventos em geral. Era a quermesse, os festejos, eventos cívicos, músicos da própria PM participavam de outros subgrupos. Assim, o repertório representava toda a conjuntura de então. A gente não tinha a concorrência social que se tem hoje. O lugar de grandes eventos aqui era o clube dos diários, sendo o maior salão de festas da sociedade. Hoje temos um ‘self service’ de eventos e propostas, o que leva a uma confusão e desqualificação. Assim, se tocava valsa, dobrados, sambas (principalmente durante o carnaval com o repertório bem tradicional). Uma coisa diferenciada do Luiz Santos era que ele sempre adaptava o repertório à realidade do grupo. Assim foi na PM e também na ETFPI (Rocha Sousa, 2023, p. 15).

Na formação mais estudantil, ao transpor de um universo para o outro, e com o maior contato com os jovens, Luiz Santos populariza ainda mais os repertórios trabalhados. O maestro já era conhecido por trabalhar o estilo de “aprender fazendo”. O professor e maestro Eraldo

Lopes relembra sobre Luiz Santos:

O professor Luiz Santos geralmente em suas aulas citava muito o Kodály. Mas na verdade ele era um adepto da metodologia do aprender fazendo. Primeiro fazíamos solfejo, e aprendíamos os tempos das notas. Então já nos era ofertado um repertório de fácil assimilação e tocávamos com os mais antigos, e em um curto espaço de tempo já estávamos tocando (Lopes, 2023, p. 4).

Contemporânea de Eraldo Lopes, a professora Iara Marques⁸ ratifica a metodologia do maestro nas suas aulas de música:

O professor foi sempre ousado. Usava uma metodologia avançada para a época. Seu lema era: Aprender a tocar tocando: desde o início já tínhamos contato com o instrumento, muitas vezes percussão, seguido de flauta doce até quando alcançávamos o instrumento de preferência de cada um (Marques, 2023, p. 6).

Luiz Santos foi um artista, a circunscrição da sua primeira profissão, a militar, não limitou a expansão do seu ser artístico, pois ainda que muito se dedicasse à regência a música entrelaçava sua vida, assim, compôs diversas músicas, seja comercial ou apenas poética vibrando à família.

3.3 Composições

Luiz Santos muitas vezes, por conta de sua trajetória de instrumentista e compositor, acrescentou composições autorais ao repertório, variando tanto para a música instrumental, quanto para canções populares com letra e arranjos para cantores acompanhados de instrumentos como violão e baixo, uma influência do grupo Os Milionários. A exemplo dessas composições temos a música Santinho, Figura 31, dedicada ao filho falecido na idade infantil. Um bolero de nome “Santinho” foi incorporado muitas vezes para a execução por diversas bandas.

“A banda de música como um grupo social composto por suas devidas interações, seu cotidiano, suas práticas e ações inerentes a ela” (Toledo Nascimento, 2011, p, 49) então nada é mais intencional do que apresentar suas composições, que são fatos do seu dia, da sua prática social, em apresentações, é um simbolismo que qualifica a representação do artista compositor Luiz Santos.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em setembro de 2023, na cidade de Teresina.

Figura 31: Letra e parte inicial da grade do bolero santinho, de Luiz Santos

Santinho

(Bolero)
De: Luiz Santos

*Foi numa noite
Escura de chuveirinho
Que fui traído pelo destino
Destino amargo me fez sofrer
Sem esperar vi meu filhinho morrer*

*Sinto uma grande emoção
Daquela imagem de criança
Tenho recordação
Peço a Deus a todo instante
Que de resignação
A quem sofre noite e dia
Uma eterna paixão
Vai oh! Santinho pro céu
Aqui fico na agonia
Com o resto de minha família
Ao ver a rede vaga
Onde Santinho dormia*

Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2024.

A música “Santinho” é uma homenagem ao filho que faleceu, em 1955, representou o estado emocional, a inesperada perda, contempla o clima tristonho, a fugacidade da vida, a dor, o vazio físico de uma paixão paterna. O bolero é um afago melódico que ficará marcado na lembrança e revivido durante a execução nas bandas.

As composições de Luiz se apresentam em duas vertentes, diretamente ligadas à sua trajetória, compôs temas familiares e hinos. Para o estilo familiar, compôs para os filhos, pais, esposa Adélia Santos, era o universo que o cercava como fonte de inspiração. Um exemplo é a valsa Ginanabeth, uma aglutinação com os nomes de suas três filhas.

Figura 32: Valsa GINANABETH

Ginanabeth

(Valsa)
De: Luiz Santos

Serão por toda vida	É o maior presente	Ginanabeth eu guardo
Lindas meninas	Que talvez p'ra muitos pode ser	P'ro meu resto de vida
A luz que irradia	Uma tarefa ardente	E para a eternidade
Minha alegria	A de um lar com tanta gente	Por esta canção
Eu sou um pai feliz	Para mim isso é indiferente	O que eu sinto em minha'lma
Porque vocês e outros	É honesta a minha afirmação	Talvez ameaçada
Vivem a me cercar	Sou um homem de vontade	De nem ver depois o que eu sinto hoje
Foi Deus quem lhes mandou	E amo a tradição	Mas eu não acredito em insucesso
P'ra enfeitar meu lar		Eu acredito sim na vontade de Deus
Por isso sou contente		Que tudo faz bem feito
E posso caducar		Não há por que desanimar
		Se minha vida é a que eu sempre quis
		E se outra vida houver no outro mundo
		Eu lá também serei feliz



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Na valsa Ginanabeth é celebrado a vida das filhas, a alegria da casa cheia, a tradição de ter uma família extensa, o amor que transcende o tempo e a vida, Luiz Santos afirma em toda a melodia a felicidade e a grandiosidade que a força divina consente sobre sua existência. As letras do maestro durante a vertente familiar são mais brandas, refletem a postura

Como segunda forma de compor, temos os hinos de alguns municípios pelos quais passou, seja como músico, ou militar. O maestro viveu processos de interiorização distintos. Em algumas cidades, além do tempo de permanência ter sido maior do que em outras, o convívio e a receptividade o contagiaram o levando a compor os hinos desses municípios.

Composições eram criadas sozinhas e às vezes em parceria.

Figura 33: Hino de Amarante



ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE AMARANTE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
 PRAÇA QUINCAS CASTRO, 15 – CENTRO - CNPJ: 06.554.802 / 0001 – 20



HINO DO MUNICIPIO DE AMARANTE – PIAUÍ

O Hino Municipal de Amarante, com letra do Monsenhor Isaac José Vilarinho e música do maestro Luís Santos, foi oficializado pelo Decreto n.º 004, de 16 de julho, de 1981, de acordo com a Lei n.º 411, de 28 de março de 1977.

Estribilho: Salve, Salve Amarante querida, “lindo céu” sob um céu cor de anil Rainha D’ águas que a terra bendiz; Vence as magoas com ardor varonil, Cheia de sol, de amor e de luz: Honra sem par do nosso brasil.	IV Nas barrancas do Rio Mulato O engenho rouquenho rugia; No regaço do “monge ancião” Balsa grande serena descia; Contemplando este belo cenário: É Amarante fazendo poesia.
I Nossa Igreja de branco enxoval, A euterpe ruflando tambores, Sinos, no céu, a fazer festival; Do apito o troar dos vapores Na rua grande Doutor Amaral: É Amarante morrendo de amores.	V Hoje, na nova e bela Amarante Sempre “Filha do sol do Equador”, Do asfalto, da luz do povir, É a gente que ri frente a dor “Ilha linda” será para sempre De encanto, de luz e de amor,
II O vermelho do Rio Parnaíba Co’ as Muquillas azuis contrastando, O Canindé, quebrando ribeiras, Lavadeiras canções entoando, E as bandeiras do povo estendias: É Amarante que banha cantando.	VI Que teus filhos, que moram distante Saibam, sim, teu passado honrar Que a lágrima e o suor que plantaram, Possam, logo, no chão germinar, E fazer de Amarante, pra sempre, Da beleza do amor um altar.
III Nas cantigas e rodas de Santo Dança fiel moça Amarantina; Ao tambor do Divino querido Reza e canta gente campesina; No Pagode e Cavaló Piancó: É Amarante que brinca menina.	

Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 34: Hino de Nossa Senhora dos Remédios

Hino da Cidade de Nossa Senhora dos Remédios

Letra: Deise Vasconcelos
Música: Luiz Santos

I) <i>Nossa Senhora dos Remédios, Do nome santo herdeira, Que os antigos escolheram Para sua padroeira.</i>	IV) <i>Sol brilhante nas campinas, Lua cheia na floresta, Manhãs e tardes amenas, Cada noite uma festa.</i>	VIII) <i>No presente, o progresso Tua face renovando, Te projetando lá fora, O teu nome elevando.</i>
Est) <i>Cidade dos Remédios, Verdejantes palmeirais, Águas puras, céu aberto, Quem te vê não esquece mais.</i>	V) <i>Tua história, tua gente, Teus costumes e tradição Fazem dos filhos teus Um só corpo e coração.</i>	IX) <i>No futuro és promessa, Embalando nosso ser. Nas páginas do livro da História Nos iremos te inscrever.</i>
II) <i>Primeiro, chamaram-se Peixe, Certo tempo Nazareth. O nome que ostentas agora É fruto de nossa fé.</i>	VI) <i>Tuas lendas, teus mistérios, A remediense brejeira Trazem a ti mil visitantes, Gentil terra hospitaleira.</i>	X) <i>Terra berço, esperança, Pedaço do Piauí, Aceita este hino Que fizemos para ti.</i>
III) <i>És um vale verdejante De riqueza vegetais. Perenes fontes jorrando, Saciando animais.</i>	VII) <i>No passado, as casas-grandes, Carro de boi no sertão, O aboio do vaqueiro, Que enchia de emoção.</i>	

Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2024.

Tomamos por base Amarante e Nossa Senhora dos Remédios, cidades do Piauí, para representar um universo maior de municípios visitados pelo maestro, por exemplo, São João do Piauí e Porto – PI que também contam com hinos de autoria do maestro. Em outras ocasiões, o maestro compôs sob encomenda, produzindo arranjos variados para ocasiões diversas.

O River Atlético Clube, agremiação esportiva, na direção do deputado Afrânio Nunes, tinha interesse na composição de um hino para o escrete. O dirigente contatou o maestro e propôs a criação da composição. A letra e música ficaram a cargo de Luiz Santos, para a interpretação foi chamado o músico, cantor e sargento João de Deus, o intérprete era um dos componentes do grupo “Os Milionários” que já trabalhava com o maestro. O hino do River se tornou um símbolo do clube, recentemente foi feito um arranjo para a Orquestra Sinfônica de Teresina. Em 2009, Luiz Santos recebeu homenagem do River Atlético Clube pelos serviços prestados, figura 35.

Figura 35: Homenagem do River Atlético Clube ao compositor do hino da agremiação



Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2024.

As composições do maestro transitavam do popular com sambas, boleros, foxtrote e baiões ao marcial com dobrados e marchas. A tabela a seguir apresenta um panorama de suas composições com arranjos voltados para bandas de música com seus estilos definidos:

Tabela 4: Panorama de suas composições com arranjos voltados para bandas de música

ORDEM	OBRA	GÊNERO MUSICAL
01	Hino de Amarante	Hino cívico
02	Hino do River atlético Clube	Hino Esportivo
03	Canção da CCS	Canção Militar
04	Canção do 1º Batalhão da PMPI	Canção Militar
05	Capitão Aquino	Dobrado
06	Coronel José Ribeiro	Dobrado
07	Coronel Kleber	Dobrado
08	Tenente Sebastião Simplício	Dobrado
09	Baião da saudade	Baião
10	GINANABETH	Valsa
11	O Brasil e o samba	Samba
12	A família	Foxtrote
13	Adélia	Valsa
14	Hino de Porto –PI	Hino Cívico
15	Hino de São João do PI	Samba

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os hinos eram uma prática recorrente para o maestro devido a vida militar, as composições surgiam como homenagens e algumas eram de encomenda, por exemplo, o hino do River Atlético Clube. As composições nem sempre eram remuneradas. Algumas compunha em razão de momentos vividos em determinados lugares, como o primeiro batalhão da PMPI.

Em São João do Piauí cidade na qual o maestro trabalhava como militar e professor de música, compôs um samba em homenagem ao município, não era gênero comum para hinos de cidade, mas rapidamente foi assimilado pelo povo que passou a cantá-lo em eventos, foi oficialmente apresentado como hino do município durante homenagem recebida devido ao título de cidadão são-joanense em 1998. Santos era um compositor popular em sua forma de compor, valorizava cidades, eventos e sobretudo a família. A composição “A família” é uma obra em que exaltado o universo da família Santos, com sua rotina que o fazia feliz:

A Família

Esse é o meu lar, o meu doce lar
 Que me faz vibrar
 Uma luz radiante, clareando um
 rumo De um bom lugar
 De um caminho, de um
 ideal E um porvir, risonho
 para mim...
 Nada é mais sublime
 Que a alegria de viver
 feliz

E por toda vida
Ter a seu redor um conjunto a
dizer; Minha mãe pra cá, e papai
pra lá Meu maninho em fim...
Esse é o meu lar, o meu doce lar
Que me faz vibrar!
Que me faz vibrar!

O *foxtrot* ou *fox-trot* é uma dança de salão caracterizada por movimentos longos e contínuos, cuja a direção segue em sentido anti-horário, em andamento suave e progressivo. Música executada pelas grandes bandas de jazz. Luiz Santos fez algumas composições neste gênero musical. Um estilo muito presente nos grupos de jazz em Teresina, ainda lembrando da época do grupo Os Milionários e nos eventos dançantes do Clube dos Diários.

Pode-se falar que o arcabouço metodológico do maestro Luiz Santos é bastante simplificado voltado para o aprender fazendo, contudo, não simplório, podemos lembrar de sua trajetória enquanto não alfabetizado e, ainda assim, aprendeu os primeiros compassos da música, o aprendizado em construir o pífano, a rusticidade em tocar sem maiores engendrarias, após a alfabetização desenhou um percurso no qual sua praticidade em ensinar facilitava o entendimento da dinâmica musical.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmago de nossas vidas está o passado, aprender com o que vivenciamos, é preciso retirar das experiências soluções que melhorem nosso cotidiano e nos faça ser quem somos e porque somos, em que pese todas as glórias recebidas, a vida árdua de um garoto interiorano vivendo um drama familiar de perda, de mudança, de busca por uma melhor vida foi a válvula de escape para que Luiz Santos se tornasse o maestro reconhecido por seu trabalho na educação musical no Piauí.

A trajetória artística iniciou ainda no exército, passando pela Polícia Militar do Piauí, e Escola Técnica Federal do Piauí, o caminho pelas “bandas” e Bandas em José de Freitas, Nossa Senhora dos Remédios, Caxias (MA), São João do Piauí, e outras tantas cidades proporcionaram uma trilha de competência profissional reconhecida em homenagens honrosas. As composições musicais para sua família, para cidades e para associações esportivas demonstram a habilidade de um artista que valorizava o trabalho de forma holística.

Luiz Santo foi alfabetizado aos 17 anos, a princípio pensava na música como forma de entretenimento, com a escolarização veio o interesse em aprender sistematicamente sobre o conteúdo musical, o enfoque da música como profissão é tal como citado por Monti (2014) essa linguagem que para além do estético proporciona situações objetivas de ser e de construir um mundo sob a perspectiva da música.

[...] acredita-se que a música como linguagem e também discurso cultural possibilita a educação, pelo desdobramento de seus objetivos para fins estéticos, gerando a construção da vida moral na medida em que desenvolve a inteligência e a afetividade simultaneamente, o que torna o educando capaz de vislumbrar o mundo por meio da abstração e da crítica (Monti, 2014, p. 217).

Neste trabalho compreendemos a dimensão do ofício do Maestro Luiz Santos, as andanças, as bandas, as escolas, os eventos, as composições, uma dinâmica fluida alicerçada num sujeito que priorizava a educação e as relações sociais que se desenvolviam e integravam por meio da música. Tratei no texto sobre identidade e memória e, à medida que os conceitos eram expostos, compreendíamos o ritmo e o movimento desse encontro entre as definições, e o poder que exercem em nomear quem podemos ser.

Destaco que Luiz Santos é fruto de um meio e transformou o que a vida lhe deu em um compromisso social de ser maestro e educador musical reconhecido. Há um trecho no texto que explica sobre quem Luiz Santos é, e diz que ele é tudo o que é por conta da música.

Dessa forma, a pesquisa ressalta a importância do maestro para o cenário musical

piauiense, seja regendo bandas, compondo ou ensinando, o trajeto histórico foi delineado, os depoimentos são contundentes quanto a sua expertise, que de maneira subjetiva também influenciou a família na jornada musical.

No que trata o seu caminho militar, que é bastante sisudo, mas parece que a eloquência do seu profissionalismo foi crucial para que a Banda da PMPI percorresse uma trilha mais moderna, ou quando foi criada a banda 16 de Agosto e seu sucesso era notório na cidade, ademais as bandas dos municípios pelos quais passou, sempre animando e recrutando novos músicos.

Assim, esta pesquisa tinha como objetivo analisar a atuação do Maestro em seus delineamentos profissionais na área musical, descrevendo como operacionalizava suas técnicas para a formação de novos músicos, a finalidade foi estruturada e em fases que corresponderam a sua dinâmica nas bandas, suas andanças e o ser em si Maestro Luiz Santos.

É categórico afirmar que a pesquisa histórica é a tangibilidade dos fatos, as análises por meio de entrevistas e a própria pesquisa documental nos direcionaram, todavia à trajetória do Maestro no meio artístico, seus ensinamentos e sua história contribuíram enormemente para a educação musical e formação de bandas no Piauí.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. São Paulo: FGV, 2018.

ARAÚJO, Maria Irisneide Chaves de. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

BARROS, José D.'Assunção. História cultural e história das ideias. diálogos historiográficos. Cultura. **Revista de História e Teoria das Ideias**, São Paulo, v. 21: 259-286, 2005.
Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/3353>. Acesso em 01 jun. 2024.

BIONI, Bianca Guerra; SCHAMBECK, Regina Finck. **Mulheres em Bandas de Música: um estudo sobre fatores que mobilizaram a opção pela regência**. In: XXVI Congresso Nacional da ABEM. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, DF, outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 08 jun 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.769**, de 18 de Agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília: 19 ago. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11769.htm. Acesso em 08 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 3.857**, de 23 de dezembro de 1960. Cria a Ordem dos Músicos do Brasil e Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Profissão de Músico e dá outras Providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3857.htm. Acesso em 08 jun 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.566** de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: https://www.google.com/search?q=7.566&oq=7.566&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIICAEQABgPGB4yCAGCEAAyBRgeMgYIAxAAGB7SAQczODhqMGo0qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8 . Acesso em 08 jun 2023.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Tradução de Sérgio Goes de Paula.

CATROGA, Fernando. **Memória história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CARVALHO, Gislene Danielle de. **Concertos pelo sertão: formação e mediação cultural do maestro Aurélio Melo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-

graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2020.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Ronaldo. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

COSTA, Manuela Areias. Música e história: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. **Tempos Históricos**, v. 15, p. 240-260, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6798375>. Acesso em 15 jun. 2024.

DA SILVA, Vivian Batista. Histórias e memórias da educação no Brasil. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 269-275, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. De Nova Orleans ao Brasil: O jazz no mundo atlântico. **Revista Brasileira De Historia**, v. 40, p 171-192, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QwMm5Q5yDzmFBkPPSG95Zwt/?lang=pt>. Acesso em 15 jun. 2024.

FERREIRA FILHO, João Valter. **História e Memória da Educação Musical no Piauí: Das Primeiras Iniciativas à Universidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2009.

FERREIRA FILHO, João Valter. A educação musical no Piauí no início do século XX: entre as aulas particulares e o ensino coletivo nas bandas. In: MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga; ROCHA, Inês Almeida. **Ecos e memória: histórias de ensinios, aprendizagens e músicas**. Teresina: Edufpi, 2019. p. 153-180.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de; PERUCELLI, Tatiane. Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, v. 2, 111-133, 2019.

GREEN, Lucy. **Música, género y educación**. Tradução de Pablo Manzano. Madri: Morata, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2022: alfabetização**. Resultado do universo Rio de Janeiro: IBGE, 2024

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ – IFPI. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020 – 2024**. Disponível em: https://www.ifpi.edu.br/aceso-a-informacao/institucional/pdi-2020-2024--anexo-resolucao-009_2020-consup.pdf.

KANDLER, Maira Ana. **Bandas musicais do meio oeste catarinense: características e processos de musicalização**. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do

Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006a75.pdf>. Acesso em 22 jun 2023.

LOPES, Eraldo. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

MARQUES, Iara. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

MELO, Aurélio. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

MELLOUKI, M., GAUTHIER, C.. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação & Sociedade**, v. 25, n.87, p. 537–571, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200011>. Acesso em 10 jun 2024.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga do. Educação musical e uma nova hierarquia de valores no contexto da pós-modernidade. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 34, p. 215-228, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3618>. Acesso em: 01 jul. 2024.

NAPOLITANO, Marcos. A música brasileira na década de 1950 . **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 87, p. 56–73, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i87p56-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13830>.. Acesso em: 05 jun. 2024.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em 05 jun. 2024

OLIVEIRA, Olga M. Boschi A. de. **Mulheres e trabalho: desigualdades e discriminações em razão do gênero (o resgate do princípio da fraternidade como expressão da dignidade humana)**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016

OLIVEIRA, Márcia Pereira. **Representações polifônicas: entre migrações, formação e militância do barítono Raimundo Pereira (1978 - 2006)**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2024.

PAIXÃO, Erika Oliveira. **Licenciatura em música da Universidade Federal do Piauí - UFPI (2009 - 2015): criação, implementação e reconhecimento**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2021

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, 1989, v.2, n.3, p 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, 1992, v.5, n.10, p. 200-215.

POLÍCIA MILITAR DO PIAUÍ. **Almanaque Comemorativo**. Editora do Governo do Piauí. Comepi, 2000

ROCHA SOUSA, Antônio Carlos. “**Banda de música da Polícia Militar do estado do Piauí/ História, Acervo e memória, de 1875 à 2013**”, Teresina -PI, 2014, 184p

ROCHA SOUSA, Antônio Carlos. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

REGO, Vilson Ribamar; RODRIGUES Antonio Gerardo. **Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí: 90 anos de ensino profissionalizante**. Teresina: EDUFPI, 2002.

RODRIGUES, J. C. S. **Artistas em movimento: viagens de formação dos professores do curso de música da UFPI**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2022

ROPKE, Camila Betina. **Agenor Abreu: uma mestre da cultura piauiense entre palcos, aulas de música e pesquisas**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2023.

SANTOS, Luiz. **Memória piauiense**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1992.

SANTOS, Antonio Luiz Soares. **Depoimento a Cláudio Luciano Carvalho dos Santos**. Teresina: Meio digital. Teresina, 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1946.

TOLEDO NASCIMENTO, Marco Antonio. **L'apprentissage musical en amateur au sein des harmonies de la Confédération Musicale de France (CMF), en vue d'une application au contexte brésilien**. 2011. Tese (Doutorado em Música [Cotutela]) Toulouse, Université Toulouse II le Mirail e Universidade Federal da Bahia.

TOLEDO NASCIMENTO, Marco Antonio. Cultura Patriarcal das Bandas de Música do Norte do Ceará. **Debates | Unirio**, Vol. 26, nº 2, p. 81-101, dez. 2022. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistadebate/article/view/12008>. Acesso em junho de 2024.